

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**

**ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS**

**CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA**

**CURSO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**PRAZER NO TRABALHO:**

**Um Estudo Comparativo entre Músicos Profissionais e Policiais Militares**

por

Ana Beatriz Leal

Rio de Janeiro

**2006**

**ANA BEATRIZ LEAL**

**PRAZER NO TRABALHO: Um Estudo Comparativo entre Músicos  
Profissionais e Policiais Militares**

Dissertação apresentada à Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas/Fundação Getúlio Vargas como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Administração Pública, orientada pela Professora Dra. Sylvia Constant Vergara.

Rio de Janeiro

**2006**

A meus Pais

*“Se você tem prazer no que faz, você nunca vai  
ter que trabalhar na vida”*

**Confúcio (600 a C.)**

*“Quando o trabalho é um prazer, a vida é uma  
alegria. Quando o trabalho é um dever, a vida  
é uma escravidão”*

**Maksim Gorki**

*“A atração pelo conhecimento seria mínima se  
não houvesse tanto pudor a vencer no caminho  
até ele. O desejo do saber gera o ímpeto. Todo  
ímpeto é cego, salvo quando há conhecimento.*

*Todo conhecimento é vazio, salvo quando há  
trabalho. Todo trabalho é vazio, salvo quando há  
amor. Quando trabalhas com amor, estás unido a  
ti próprio, aos outros e a Deus, como quer que o  
concebas”*

**Gibran**

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiramente a minha orientadora, Sylvia Vergara pelo seu companheirismo e ensinamentos, além de sua constante busca de tirar o máximo de mim.*

*Agradeço a meu pai que sempre me disse que tudo que fizesse iria fazê-lo da melhor forma possível. E a minha mãe por estar sempre a meu lado me incentivando e me dando condições e instrumentos para o meu crescimento.*

*Agradeço aos sempre amigos Newton de Oliveira, Cezar Honorato, Ricardo Krause, Juliana Guaraná, Denise, Denize, Márcia e José Luís Zamith pela contribuição e pelas palavras de calma e sabedoria quando eu me desesperava.*

*Agradeço a todos os meus companheiros da Turma de Mestrado em Administração Pública 2004 por compartilhar conhecimentos e sabedorias em prol da administração.*

*Agradeço também aos meus irmãos, a Juju, a Ilka, a Marcele e a Samantha por permanecerem ao meu lado, me dando carinho e força para eu continuar lutando.*

*Agradeço a todos os professores e funcionários da EBAPE que tanto contribuíram para a conclusão de uma etapa e o início de uma nova vida.*

*Por último, agradeço a todas as pessoas entrevistadas pela colaboração com este trabalho, porque sem elas isso não seria possível. A todos, muito obrigada, de coração!*

## LISTA DE DESENHOS

<b>Figura 1:</b> Desenho do primeiro percussionista .....
<b>Figura 2:</b> Desenho do músico flautista .....
<b>Figura 3:</b> Desenho do músico que toca fagote .....
<b>Figura 4:</b> Desenho do compositor que toca baixo .....
<b>Figura 5:</b> Desenho da harpista .....
<b>Figura 6:</b> Desenho do compositor que toca violão .....
<b>Figura 7:</b> Desenho do segundo percussionista .....
<b>Figura 8:</b> Desenho do violinista .....
<b>Figura 9:</b> Desenho do contra baixista .....
<b>Figura 10:</b> Desenho da violinista .....
<b>Figura 11:</b> Desenho do Sargento músico que toca saxofone .....
<b>Figura 12:</b> Desenho do Sargento músico que toca flauta .....
<b>Figura 13:</b> Desenho do PM da reserva .....
<b>Figura 14:</b> Desenho do Tenente Coronel .....
<b>Figura 15:</b> Desenho do Sub Tenente .....
<b>Figura 16:</b> Desenho do diretor da PM .....
<b>Figura 17:</b> Desenho do major que já foi do exercito .....
<b>Figura 18:</b> Desenho do Major que é dentista .....
<b>Figura 19:</b> Desenho do Capitão, chefe de operação .....

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – O PROBLEMA E A METODOLOGIA</b>	<b>13</b>
1.1 Introdução .....	13
1.2 Objetivos intermediários .....	15
1.3 Delimitação do estudo .....	16
1.4 Relevância do estudo .....	17
1.5 Tipo de pesquisa .....	18
1.6 Universo, amostra e seleção dos sujeitos .....	19
1.7 Coleta de dados .....	20
1.8 Tratamento dos dados .....	21
1.9 Limitações do método .....	22
1.10 Definições dos termos .....	24
<b>CAPÍTULO 2 – O HOMEM E O TRABALHO</b>	<b>27</b>
2.1 A construção do Homem pelo Trabalho .....	27
2.2 Trabalho e Lazer: a ruptura .....	31
2.3 Alienação .....	36
<b>CAPÍTULO 3 – PRAZER NAS ORGANIZAÇÕES</b>	<b>41</b>
3.1 Subjetividade e prazer como fonte de emancipação .....	41
3.2 Princípio de Prazer e princípio de realidade: a eterna luta no trabalho .....	51
<b>CAPÍTULO 4 – RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO</b>	<b>59</b>

4.1 Característica da amostra pesquisada: os músicos e os policiais militares .....	59
4.2 O que os músicos informaram .....	60
4.2.1 O trabalho como realização do ser humano .....	62
4.2.2 Trabalho como meio de sobrevivência .....	64
4.2.3 Trabalho como produção ou contribuição para sociedade .....	68
4.2.4 Trabalho como um hobby, um lazer .....	72
4.2.5 Trabalho como desafio pessoal .....	74
4.3 O que os policiais militares informaram .....	77
4.3.1 O trabalho como realização do ser humano .....	78
4.3.2 Trabalho como meio de sobrevivência .....	87
4.3.3 Trabalho como produção ou contribuição para sociedade .....	89
4.3.4 Trabalho como um hobby, um lazer .....	93
4.3.5 Trabalho como desafio pessoal .....	93
4.4 Comparação entre músicos e policiais militares .....	96
<b>CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E SUGESTÕES</b>	<b>99</b>
5.1 Conclusões .....	99
5.2 Sugestões para uma nova agenda de pesquisa .....	99
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS</b>	<b>113</b>



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**CPAE** – Comando de Policiamento em Áreas Especiais

**BOPE** – Batalhão de Operações Policiais Especiais

**PMERJ**– Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro

**PM** – Policial Militar

**1**

**2**

## RESUMO

Talvez para uns, trabalhar esteja associado ao estresse, cansaço ou sofrimento. Talvez para outros seja sinônimo de vida. O fato é que, positiva ou negativamente, desde sua existência, o trabalho tem um papel fundamental na vida dos seres humanos. A história do homem é a história da evolução do trabalho dos homens. Foi por meio do trabalho que o homem se constituiu. Por ser assim, investigar a respeito deste tema parece relevante. O objetivo desta dissertação foi levantar o que pode causar prazer no trabalho. Para obter esta resposta, optou por duas categorias de trabalhadores: músicos e policiais militares. Utilizando pesquisa bibliográfica e de campo, o método de análise de conteúdo e a construção de desenhos, o trabalho concluiu que ambos as categorias de trabalhadores sentem prazer no trabalho. Tal sentimento se dá por meio da percepção dos trabalhadores a respeito da natureza do trabalho. Encontramos cinco caminhos que possibilitam experimentar prazer no trabalho. O primeiro foi o trabalho como uma forma de realização do ser humano na natureza. O segundo foi o trabalho como sobrevivência. O terceiro foi o trabalho como contribuição para a sociedade. O quarto foi o trabalho como um *hobby* ou lazer, e o último foi o trabalho como um desafio pessoal.

## ABSTRACT

Working, for some people, may mean being stressed, tired or hurt. For others, though, it may mean life. The fact is that, positively or negatively, since its beginning, work has played an important role in everyone's life. The history of men is the story of the evolution of their work. It was through their work, that men constituted themselves. Therefore, it seems relevant to look further into this subject. The aim of this study is to find out what causes pleasure at

work. In order to achieve this answer, two kinds of workers were chosen: musicians and policemen. Using bibliographic and field research, the method of content analysis and the making of drawings, it was proved both of them have pleasure while working, which is felt by realizing the nature of the work. We found five ways that make it possible to have pleasure working. The first is looking at work as providing a feeling of accomplishment; the second, as survival; the third, as a contribution to society; the fourth, as a hobby or leisure; and the last, as a personal challenging.

## **Capítulo 1**

*“O prazer é a origem e o fim da vida feliz”*

*Epicuro*

### **O PROBLEMA E A METODOLOGIA**

Neste capítulo apresentaremos o problema de pesquisa, abordando a importância do estudo sobre o prazer nas organizações contemporâneas. Também figuram o objetivo final, os intermediários, a delimitação e a relevância do estudo. Explicaremos a metodologia que foi utilizada nesta pesquisa, assim como a definição dos conceitos empregados.

#### **2.1 Introdução**

Talvez para uns, trabalhar esteja associado ao estresse, cansaço ou sofrimento. Talvez para outros seja sinônimo de vida. O fato é que, positiva ou negativamente, desde sua existência, o trabalho tem um papel fundamental na vida dos seres humanos.

Nos primórdios, trabalho e lazer ocorriam juntos e eram indissociáveis. As atividades tribais de produções do lúdico e da subsistência constituíam-se em um único bloco. No entanto, conforme descrito no Gênesis, nossa tradição judaico-cristã nos apresenta o trabalho como punição de pecado original.

Não nos parece nada animador ao buscar na origem da palavra trabalho alguma associação com o prazer. Sua raiz etimológica para a maioria das línguas latinas é a palavra *tripalium*,

um instrumento de tortura. No latim clássico é *labor*, que denota fadiga, conotando tormento. Já no grego é *pónos*, significa pena, sofrimento.

Se olharmos para a mitologia grega, o símbolo do trabalho penoso e desprovido de sentido, o rei Sísifo, é condenado a carregar uma grande pedra até o pico da montanha para vê-la rolar abaixo e, novamente, carregá-la para cima... Ou então, se olharmos para a Bíblia veremos Adão, que foi expulso do Éden e condenado a trabalhar para prover o sustento próprio. *“Maldita seja a terra por tua casa! Com o trabalho penoso dela tirarás o sustento todos os dias de tua vida. [...] Com o suor do teu rosto, comerás o pão; até que voltes ao solo, donde foste tirado.”* (Gênesis, 1965, p.15)

Seja como punição do homem ou salvação futura, o trabalho melhora a condição de vida dos homens. Em uma visão global, podemos afirmar que, em sua origem, ele era o símbolo da realização do ser humano perante a natureza. Como o homem passa a maior parte de sua vida trabalhando, prestar atenção em nossa relação com o trabalho se torna mais que fundamental. Torna-se essencial para cada um de nós e para o rumo da humanidade.

Atualmente, a rapidez das mudanças tem atingido a vida das organizações e, conseqüentemente, a das pessoas. A insegurança generalizada do assalariado por não saber se estará empregado no final do dia, já que, na realidade ele se tornou quase dispensável ao sistema, está causando sérios danos à psique dos trabalhadores. Crescem os números de males causados pelo trabalho e os gastos com tratamentos estão chegando a números absurdos em todo o mundo. Mas não será por isso que negaremos todo o lado prazeroso que ele pode nos proporcionar. Talvez esteja faltando mesmo olhar esse lado prazeroso à nossa psique.

O ser humano como um organismo vivo que ri, chora, tem sentimentos e, acima de tudo, se relaciona o tempo todo com o mundo a seu redor não pode negar ou desprezar a sua

subjetividade. Prazer e sofrimento, por não serem quantificáveis, se tornam difíceis de serem abordados, mas ninguém ignora o seu significado, e todos sabem que isso só se vivencia integralmente na intimidade da experiência interior.

Freud afirma que os seres humanos querem ser felizes e se esforçam para permanecerem assim. Mas o próprio princípio do prazer que se transforma no princípio da realidade nos mostra que, quando obtemos prazer e este sentimento é prolongado, um sentimento de contentamento muito tênue nos vem à tona, boicotando a busca da felicidade. Logo, nossas possibilidades de felicidade estarão sempre limitadas por nossa própria constituição. Portanto, nestes termos, o prazer é possível apenas como uma manifestação episódica.

Prazer e sofrimento sempre vão interagir com nossas experiências, sejam elas no trabalho ou em casa. Não podemos dissociá-los do cotidiano dos indivíduos, pois a vivência de prazer/sofrimento faz parte da condição humana. Por conseguinte, saber como o trabalho causa sofrimento se torna tão natural quanto saber que ele também é fonte de prazer. A questão aqui, que se traduz no problema de pesquisa é: O que pode causar prazer no trabalho? Responder a esta questão é o objetivo final deste estudo.

## ***2.2 Objetivos Intermediários***

- a) Investigar de que forma os músicos e os policiais militares lidam com o trabalho;
- b) Investigar os múltiplos significados de prazer para os policiais militares e para os músicos;
- c) Investigar situações que propiciam a vivência de prazer pelos policiais militares e pelos músicos;

- d) Comparar os significados de prazer no trabalho entre os músicos e os policiais militares.

### ***2.3 Delimitação do Estudo***

Talvez a maior dificuldade deste estudo seja a sua delimitação. Dificilmente, uma pesquisa engloba todos os aspectos do conhecimento humano e, no caso do prazer no trabalho, as teorias administrativas ainda estão em processo de formação de seu campo de estudo. Por isso, recorreremos à filosofia, a sociologia, a psicanálise e à psicologia para um maior entendimento deste fenômeno.

Na psicologia esta conexão dar-se-á por meio da psicodinâmica ou psicopatologia do trabalho, que descreve sobre os mecanismos de sofrimento e prazer no trabalho. A fonte é Dejour, assim como Mihaly, que descreve sobre momentos prazerosos na vida. Nesta mesma linha, a psicanálise freudiana também auxiliará com os conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade, a que contraporemos com o filósofo Marcuse a respeito da relação entre alienação, trabalho e prazer. Por fim, percorremos, no campo da filosofia, alguns dos principais teóricos sobre o prazer, como Epicuro e Schopenhauer. O estudo está baseado também em uma visão teórica crítica da sociedade, fundamentada em Marx e Engels.

Como o interesse deste estudo é estudar as fontes de prazer no local de trabalho, a relação entre prazer/sofrimento no trabalho permanecerá no campo do conhecimento que estuda a comunicação humana, não apenas quanto à sua capacidade de transmitir mensagens, mas de construir-se através de meios simbólicos (MIGUELES, 2003).

Não estaremos preocupados com a produtividade, ou seja, não associaremos o prazer com uma melhor ou pior performance no trabalho.

## ***2.4 Relevância do Estudo***

Segundo Eco (1985), um estudo deve ser útil aos demais. Um trabalho científico deve acrescentar algo à comunidade. Como, em uma visão global, o ser humano se realiza na natureza por meio do trabalho e, em geral, ele é pouco estudado pela ótica de suas relações afetivas, emocionais, o estudo parece ser útil.

Com o mundo ocidental regido pela supremacia da razão, influenciado pelo Iluminismo, as teorias organizacionais deixaram de lado a subjetividade imanente à condição humana e pregaram o mito da racionalidade como o estandarte do poder.

A visão tradicional mecanicista das organizações nos condicionou a enxergar a realidade compartimentalizada, desprezando a idéia de interdependência entre as partes. Ao abordar aspectos comportamentais, os modelos administrativos vigentes não consideram o *holos* e a dimensão afetiva fica em segundo plano. São levados em conta apenas os aspectos racionais do ser humano e, as emoções são vistas como negativas e até como um desequilíbrio psicológico, pois, na verdade, tem-se uma visão reducionista e não integral da realidade.

Desconhecer a dinâmica do comportamento humano impede a elaboração de modelos e práticas de gestão mais adequados ao mundo atual e mais coerentes com a dinâmica do fenômeno humano. Por causa da rapidez das mudanças atuais, o século XXI exige novas



mentalidades. Exige que o ser humano seja visto em sua totalidade, ou seja, pela sua dimensão biológica, cultural e psicológica. O ser, então, como “biopsicossocial” não pode ser analisado separadamente. Emoção, afeto e razão devem ser considerados com igual importância e de forma interdependente e intercomplementar.

Na literatura existem muito poucos estudos sobre a questão do prazer no espaço organizacional. Portanto, há muito a se descobrir sobre o tema, o que terá importância para o conhecimento não só acadêmico, como também organizacional. Partimos do pressuposto que quanto mais reflexões sobre o prazer forem feitas, mais este assunto estará na pauta da agenda das teorias de gestão.

## ***2.5 Tipo de Pesquisa***

Utilizamos o critério de classificação de pesquisa proposto por Vergara (2004), que a qualifica em dois aspectos: quanto aos fins e quanto aos meios.

Quanto aos fins, a pesquisa é exploratória e descritiva. Exploratória porque, embora prazer seja assunto bastante discutido por filósofos e pela psicologia, no âmbito da gestão de empresas existe pouco conhecimento acumulado e sistematizado sobre tema. Descritiva, porque descreve as percepções de alguns trabalhadores do Rio de Janeiro.

Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica e de campo. Bibliográfica, porque para fundamentação teórico-metodológica do estudo, foi realizada uma investigação em livros,

revistas, artigos e em uma tese sobre o fenômeno trabalho e sobre sua psicodinâmica. De campo, porque coletou dados primários com os trabalhadores de organizações escolhidas.

## ***2.6 Universo, Amostra e Seleção dos Sujeitos***

O universo de pesquisa é composto por uma organização de segurança pública, a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e por músicos profissionais, ou seja, que trabalham e se sustentam única e exclusivamente de sua música.

A escolha da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro se deu, basicamente, por ela conter duas características interessantes para o nosso estudo. Uma, é o seu caráter de preservação da ordem pública, e outra, por trabalhar diariamente com a violência urbana. Já a escolha dos músicos profissionais, o primeiro critério utilizado foi pesquisar um outro tipo de atividade que estivesse distante da violência urbana. E o segundo, foi o fato de que a música é uma reconhecida fonte de prazer para as pessoas em geral. Teríamos, então, talvez pólos de um continuum.

A idéia central desta amostra é fazer um estudo comparativo entre duas atividades completamente diferentes e, descobrir quais seriam as fontes de prazer no trabalho para cada uma delas. E mais: se haveria pontos em comum.

A amostra é não-probabilística, selecionada por intencionalidade. Foram realizadas 10 entrevistas com os policiais militares do Estado do Rio de Janeiro e 10 com os músicos profissionais selecionados.

### ***1.7 Coleta de Dados***

Na pesquisa bibliográfica, buscamos estudos sobre sofrimento e prazer das pessoas, não só no trabalho, como também em outras situações. Foram pesquisados livros, revistas, artigos e uma tese. Buscamos, também, estudos nas áreas de filosofia, sociologia, psicanálise e psicologia. Com isso, esperamos ter tido maior compreensão do fenômeno da relação entre o trabalho e o prazer.

No campo, a pesquisa se deu em duas etapas. Na primeira, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os trabalhadores em questão, de forma que, com cada um deles, pudemos, primeiramente, descobrir os múltiplos significados da palavra prazer, o significado do trabalho, as fontes de prazer no trabalho. As entrevistas foram gravadas. Julgamos que tal procedimento oferece maior fidedignidade no registro das respostas. Na segunda, ao final da entrevista, foi pedido para que o entrevistado fizesse um desenho sobre como ele se vê no trabalho, e depois, explicasse o desenho.

Desenhar é registrar o lúdico, o artístico ou o científico por meio de linhas, pontos e manchas. Daí o desenho ser um eficiente meio de comunicação que expressa idéias graficamente. Indivíduos de diferentes origens e valores sociais têm no desenho uma indispensável e importante ferramenta para a comunicação. Segundo Vergara (2004, p. 173), a construção de desenhos *“visa estimular a manifestação de dimensões emocionais, psicológicas e políticas, pouco privilegiadas por técnicas de cunho racional.”*

Foi esclarecido ao entrevistado o objetivo e a relevância da pesquisa, esperando que ele se envolvesse com o tema. Também foi explicitado que sua identidade seria mantida em segredo

e que ele teria o *feedback* da entrevista e do resultado da pesquisa por escrito. Visto que não só as palavras têm significados, foi dada atenção ao discurso, expressão corporal, gestos, tonalidade de voz e postura dos entrevistados.

## **2.8 Tratamento dos Dados**

Em função da natureza do nosso problema foram utilizados o método de análise de conteúdo e a construção de desenhos para a melhor compreensão do fenômeno prazer no trabalho. O método de análise de conteúdo foi fundamental porque explora como o conteúdo das mensagens é transmitido para um melhor entendimento de seu significado.

O primeiro passo da pesquisa foi identificar palavras ou expressões no conteúdo dos discursos dos entrevistados por meio das entrevistas e dos desenhos, que se referiam a sua visão sobre o trabalho. O intuito foi identificar a imagem, positiva ou negativa, que eles têm sobre a natureza do trabalho, para elaboração das categorias de análise. Uma vez identificadas tais categorias, foi possível contrapor os resultados da pesquisa de campo com o referencial teórico escolhido para este estudo.

A interpretação dos dados está correlacionada com os objetivos almejados nesta dissertação. Tentamos avançar para o fenômeno livre de pressuposições, mesmo tendo consciência de que qualquer ser humano carrega consigo valores e crenças do mundo em que vive.

Outro método que auxiliou o entendimento de nosso problema foi a construção de desenhos, muito utilizado em psicologia. Este método é considerado uma forma de comunicação indireta

especialmente facilitadora no trabalho com os indivíduos, quando a comunicação verbal direta nem sempre se mostra suficiente para a obtenção do material necessário para a coleta de dados. Este método, em geral, lúdico e permite o acesso a fantasias, desejos, impulsos, afetos, conflitos, ansiedades e defesas que estariam sendo expressas de uma forma indireta. Como afirma Vergara (2005, p. 49)

*“A construção de desenhos representa uma tentativa de resgate da subjetividade dos indivíduos. Trata-se de reconhecer que as palavras e números nem sempre são suficientes para expressar sentimentos e percepções de cunho mais afetivo”.*

## **2.9 Limitações do Método**

A presente pesquisa não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de estudo sobre como os indivíduos sentem prazer no trabalho, e apresenta as limitações naturais de um estudo exploratório com base em entrevistas semi-estruturadas e na construção de desenhos. Entretanto, acreditamos que este trabalho poderá servir de base e fornecer subsídios para estudos posteriores e mais específicos sobre o tema.

Konder (2004) ressalta que, até então, por mais desenvolvidas que tenham sido as correntes epistemológicas e os métodos de investigação disponíveis ao engajamento do pesquisador, não há por enquanto sequer uma a salvo de restrições. *“Nenhuma teoria pode ser tão boa a ponto de nos evitar erros”* (KONDER, 2004, p. 43).

Partimos, então, do entendimento de Mattos (2002, p. 186) acerca de que *“a grande regra do jogo na academia é a discussão. (...) Portanto, ao construírem-se teses e dissertações baseadas em uma concepção cartesiana de evidência e racionalidade, restaria algo de incongruente na prática dos acadêmicos”*. Desta forma, pretendemos, ao invés de estabelecer uma verdade, lançar novos olhares sobre o tema aqui abordado e colocá-lo o em discussão para que assim possamos evoluir no seu entendimento.

No presente estudo, limitamo-nos, portanto, a aplicar o entendimento de Howarth (2002, p. 131) a respeito da análise de conteúdo – e que vale para a pesquisa social em geral:

*“Teoristas do discurso interessam-se em como, sob que condições e por que razões discursos são construídos, contestados e substituídos. Eles buscam, conseqüentemente, descrever, entender e explicar eventos e processos históricos particulares, ao invés de estabelecer generalizações empíricas ou testar hipóteses universais, e suas idéias e raciocínios estão voltados para este propósito”*.

Assim como nos ensina Howarth (2002), pesquisadores afins da análise de conteúdo utilizam-se de modelos analíticos suficientemente abertos e flexíveis para serem reestruturados no processo de aplicação. Enquanto reconhecem o papel central destes modelos analíticos na constituição dos seus objetos de pesquisa, pretendem evitar a subordinação de casos empíricos à lógicas e conceitos abstratos. Ao invés de aplicarem modelos a objetos de pesquisa mecanicamente, ou de confrontarem a realidade empírica de suas pesquisas com um modelo teórico vigente, teóricos sobre os conteúdos dos discursos defendem a articulação e a

modificação de conceitos e lógicas em cada contexto de pesquisa particular. Este é a perspectiva que adotamos no desenvolvimento deste estudo.

### ***1.10 Definição dos termos***

**CIVILIZAÇÃO:** é usada permutavelmente com “cultura”, tal como Freud a denomina.

**EMOÇÃO:** A palavra emoção vem do latim *emovere* que significa abalar, sacudir, deslocar. Esta, por sua vez, deriva de *movi*, que significa literalmente: pôr em movimento, mover. Logo, emoção, antes de mais nada, significa *movimento*. Ou ainda, *energia em movimento*. Portanto, não devemos perder de vista o fato de que sem emoção, nada avança.

**EROS:** é a luta para formar substância viva em unidades cada vez maiores, para que a vida possa ser prolongada e levada a um desenvolvimento superior. O indivíduo freudiano é dotado de dois instintos: Eros ou instinto de vida e Tânatus ou instinto de morte. Eros manifesta-se como libido, e é o instinto da vida, pois tem como função unir os indivíduos em unidade cada vez maiores. Neste sentido, ele age a favor da civilização e da vida comunitária, mas se opõe a ela quando se faz necessária uma grande quantidade de energia instintiva, retirada da sexualidade, para o trabalho. O Eros percebido por Marcuse na obra de Freud se refere a toda forma de satisfação humana.

**INSTINTOS:** De acordo com a noção freudiana de *Trieb*, refere-se aos “ímpulsos” primários do organismo humano que estão sujeitos a modificação histórica; encontram representação somática como mental.

**PRINCÍPIO DE DESEMPENHO:** Princípio de desempenho é compreendido como sendo um tipo específico de princípio de realidade. Na medida em que o homem constrói a civilização, a constrói com a ajuda da repressão dos instintos que lhe penam a associação aos outros indivíduos para obter a satisfação de suas necessidades asseguradas. Esse processo é caracterizado como a construção do princípio de realidade. Na construção da sociedade capitalista essa repressão introduz-se a idéia de mais-repressão. No momento em que a produtividade é classificada de acordo com os desempenhos econômicos concorrentes de seus membros, estratificando-se a sociedade em torno desses valores, temos, para além da satisfação das necessidades dos indivíduos, a produtividade colocada como centro orbital das relações que se estabelecem na sociedade racionalizada.

**PRINCÍPIO DE PRAZER:** Princípio de prazer é entendido como a busca, a conquista de prazer de maneira irracional, irrestrita, independentemente da consideração acerca de seus atos. Caracteriza-se, principalmente, pela ausência de repressão dos instintos humanos.

**PRINCÍPIO DE REALIDADE:** Segundo Freud, na medida em que o homem constrói a civilização, a constrói com a ajuda da repressão dos instintos. O princípio de prazer irrestrito entra em conflito com o meio natural e humano e é desta forma que o princípio de prazer se transforma em princípio de realidade. O homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido mas garantido. É sob este princípio que o ser humano desenvolve a função da razão.

**REPRESSÃO e REPRESSIVO:** estes termos são empregados na acepção não técnica para designar os processos conscientes e inconscientes, externos e internos, de restrição, coerção e supressão.



**SUBLIMAÇÃO:** significa uma alteração na finalidade e objeto do instinto, em vista do qual os nossos valores sociais entram em jogo. Mas a sublimação não é sempre a negação de um desejo, não se apresenta sempre como uma sublimação contra os instintos. Pode ser uma sublimação para um ideal. A sublimação une, pois sempre algo novo é criado num grupo ou para uso de um grupo.

Neste capítulo vimos o problema de pesquisa, abordando a importância do estudo sobre o prazer nas organizações contemporâneas, como também os objetivos final e intermediário, a delimitação e a relevância do estudo. Abordamos o tipo de pesquisa realizada, detalhando seu universo e amostra, a coleta, a seleção dos sujeitos, o tratamento dos dados e as limitações do método, assim como também a definição dos conceitos utilizados ao longo da pesquisa.

## ***Capítulo 2***

### ***O HOMEM E O TRABALHO***

Este capítulo busca apresentar uma relação entre o homem e o trabalho ao longo da história da humanidade e alguns de seus desdobramentos. Para uma maior compreensão do tema central deste estudo, faz-se necessário entendermos que na medida em que as sociedades modificam sua forma de organização, altera-se a maneira pela qual sentimos e vivenciamos o trabalho.

#### ***2.1 A Construção do homem pelo trabalho***

A relação do homem com o trabalho sempre suscitou interesse de grandes pesquisadores. Filósofos gregos, Pascal, Adam Smith, Marcuse, Hegel, Marx, entre muitos outros, estudaram ao longo da história a construção de uma relação única e fundamental para o desenvolvimento humano: o trabalho.

A história do homem é a história da evolução do trabalho dos homens. Foi por meio do trabalho que o homem se constituiu. Investigar sobre o ser do homem nos obriga a investigar sobre o fazer do homem (CODO, 2004).

O fenômeno trabalho assim como a evolução do ser humano na natureza são indissociáveis. Um ponto crucial da diferenciação entre o animal e o homem é o trabalho. O animal vive para se reproduzir. Tanto na pré-história quanto nos dias atuais, sua evolução se dá por meio da reprodução da espécie. Nada mudou em seu ciclo de vida. Já nós, seres humanos, nos transformamos por meio do trabalho.

Quando passamos a andar sobre dois pés, nossas mãos ficaram livres, sofisticamos nossa capacidade de manipular objetos. Ao estimular o crescimento do cérebro e a capacidade intelectual, começamos a fabricar instrumentos e, neste sentido, Engels (2004a, p.5) afirma:

*“Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se e alcançar objetivos cada vez mais elevados. O trabalho mesmo se diversificava e aperfeiçoava de geração em geração, estendendo-se cada vez a novas atividades. A caça e a pesca veio juntar-se à agricultura, e mais tarde a fiação e a tecelagem, a elaboração de metais, a olaria e a navegação. Ao lado do comércio e dos ofícios apareceram, finalmente, as artes e as ciências; das tribos saíram as nações e os Estados”.*

Logo, podemos afirmar que, por meio do trabalho fez-se a cultura da humanidade e, este é um caminho que nos parece extremamente adequado para compreender o fenômeno humano.

É por meio do trabalho que os seres humanos se apresentam um para o outro e se transformam, à medida que interagem entre si. Eles criam uma nova consciência no momento

em que aprendem e se conhecem por meio do outro. Num processo inesgotável, um transforma o outro que é transformado por ele mesmo. Como ensina Engels (2004, p.1): *“O trabalho [...] é a condição básica e fundamental de toda vida humana. E em grau tal, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”*.

Na perspectiva marxista, o ato do trabalho é o ato do fundamento do ser social. Para Engels (2004b), o primeiro ato dos homens é exatamente o ato de trabalhar. Trabalhar é, portanto, conceber antecipadamente o fim que se pretende alcançar e atuar sobre a natureza para transformá-la de acordo com este objetivo. Por outro lado, ao transformar a natureza, o homem cria, ao mesmo tempo o seu próprio ser. Tanto Marx (1982) quanto Lukács (1978) insistem que é por intermédio do ato do trabalho que se realiza o salto ontológico do ser natural ao ser social.

A importância do trabalho humano é, portanto, exponencial, pois é por meio dele que nos objetivamos socialmente e nos modificamos continuamente, ou seja, nos produzimos e nos realizamos. Todo o processo que ocorre entre os homens é produto de uma atividade que altera o meio social e que se configura pelo ato de trabalhar.

Logo, seria então plausível afirmarmos que o trabalho nos dá prazer? Ou, que o trabalho é a uma forma do homem se realizar?

Sim e não. O homem, eminentemente, produz sua subsistência, modifica a natureza e é modificado por ela em um sistema eterno de possibilidades. E é por isso mesmo que o trabalho tem um caráter dialético. Ao mesmo tempo que dá prazer pelo simples motivo de ser a realização do ser humano, como argumentava Marx e Engels (1976), ele é uma fonte

inexorável de sofrimento, pela própria forma com que evoluiu ao longo da história da humanidade.

As relações sociais do homem se dão por meio das relações que o homem mantém com a natureza, onde desenvolve suas práticas e, a sociedade se constitui a partir de suas condições materiais de produção. A origem histórica da sociedade humana está, intrinsecamente, relacionada com a produção dos bens materiais criada pelo próprio homem via trabalho.

Lafargue (1999) contribui com o nosso questionamento, dizendo que o trabalho aumenta a fortuna social mas que, por um outro lado, também aumenta a miséria individual. À medida que o modo de produção foi se transformando e evoluindo por meio da produção capitalista, as relações que os homens tinham com o trabalho também foram modificadas.

Talvez para uns, trabalhar esteja associado ao estresse, cansaço ou sofrimento. Talvez para outros seja sinônimo de vida. O fato é que, positiva ou negativamente, desde sua existência, o trabalho tem um papel fundamental na vida dos seres humanos.

Lafargue (1999) buscou relacionar lazer, prazer e trabalho, acreditando que a fonte de prazer dos seres humanos se dava por meio do lazer e não do trabalho. Só que, ao recorrermos à história da humanidade, vemos que nos primórdios, trabalho e lazer ocorriam juntos e eram indissociáveis (ENGELS, 2002).

Portanto, no caminho para refletirmos o prazer, surge uma outra relação a ser analisada: o momento em que o trabalho passou a ter uma dupla face. Foi o momento de ruptura entre o lazer e o trabalho, entre o ser criador e o ser dominado pela lógica de mercado.

## ***2.2 Trabalho e Lazer: a ruptura***

Desde o surgimento do homem, lazer e trabalho eram uma coisa só. As atividades tribais de produções do lúdico e da subsistência constituíam-se em um único bloco. A família era o centro da unidade produtiva e a vida girava em torno dela. O trabalho tinha apenas a função de satisfazer às suas necessidades, garantindo alimentação, abrigo e lazer, expressando o fundamento de toda a atividade social. Neste período da história, não existia troca de mercadorias, portanto, todo o trabalho era dirigido à subsistência (ENGELS, 2002).

O trabalho escravo esteve sempre presente, desde os tempos homéricos. No sistema feudal e absolutista de produção, o homem trabalhava sob pena de tortura em grande escala. *Tripalium*, a raiz etimológica da palavra trabalho para a maioria das línguas latinas, era justamente um instrumento de torturar escravos. O trabalho escravizado, no entanto, foi sempre visto como vetor de alienação e não de emancipação, como veremos no próximo capítulo.

Já na Idade Média, prevaleceram as relações de vassalagem e suserania. O suserano era quem dava um lote de terra ao vassalo, sendo que este último deveria prestar fidelidade e ajuda ao seu suserano. Já o camponês, oferecia ao senhor fidelidade e trabalho em troca de proteção e de um lugar no sistema de produção.

A palavra trabalho em seu sentido mais moderno, como hoje o concebemos, surge apenas no fim do século XV e ganha todo o seu teor somente no século XIX. Assevera Le Goff (2002, p. 559):

*“Na Idade Média, o trabalho é, no plano do vocabulário – e, portanto, do pensamento e das mentalidades – designado por um campo semântico amplo e fluido que em geral oscila entre dois pólos: o do seu aspecto penoso e, no sentido etimológico, ignóbil, não nobre, e o do seu aspecto positivo, honroso porque criador”.*

Nas antigas sociedades agrárias, as atividades na transformação da natureza e na relação social eram harmoniosamente integradas no conjunto de um complexo mecanismo de normas prescritivas religiosas, tradições sociais e culturais com compromisso múltiplos. Cada atividade tinha o seu tempo particular e seu lugar particular.

O divisor de águas entre o trabalho e o lazer surge junto com a concepção moderna da palavra trabalho por meio da transformação dos meios de produção. Esta, se deu por meio da ordem feudal de produção e das lutas pela liberdade das comunidades existentes (MARX, 1982).

O domínio de práticas artesanais como objetivo de vida proporcionou o desenvolvimento de uma ética que desvalorizava o lazer improdutivo e valorizava o trabalho produtivo. Lazer e trabalho, então, começaram a ser diferenciados pelo *status* da pessoa. O primeiro era uma característica negativa referida aos mendigos, pedintes e andarilhos, e o último, positivo, fazendo referências aos frades e nobres (ENGELS, 2002; LE GOFF, 2002).

A desintegração do homem no trabalho veio junto com o capitalismo. Deu-se com a evolução dos sistemas produtivos, que começaram a ficar mais complexos, exigindo uma nova mudança na relação do homem com o trabalho em si. A ampliação do trabalho a todos os

membros da sociedade foi uma de suas conseqüências, e essa dinâmica, segundo a perspectiva de Marx (1982), se movimenta por meio da luta de classes.

Os argumentos apresentados por Marx (1982) para demonstrar a passagem do feudalismo para o capitalismo e a acentuação da divisão do trabalho foram elaborados por meio da reconstrução histórica e a ampliação das relações comerciais de troca, permitindo uma acumulação inicial de riquezas.

Em seu sentido mais restrito, o capitalismo corresponde à acumulação de recursos financeiros e materiais que têm sua origem e destinação na produção econômica. Para Marx (1982), a sociedade capitalista estaria dividida entre uma classe que é proprietária dos meios de produção e outra classe cuja única fonte de subsistência é a venda ou troca de sua força de trabalho. Eis aqui uma chave para entendermos a ruptura entre o ser criador e pró-ativo e o ser dominado e passivo.

A produção industrial modificou a vida e a atividade do ser social. Conforme Engels (2004d, p. 4): *“o ascenso da indústria sobre bases capitalistas converteu a pobreza e a miséria das massas trabalhadoras em condição de vida da sociedade”*.

A complexa divisão do trabalho levou o trabalhador a separar-se do produto final, vender a sua própria força de trabalho no mercado, transformando-se em mercadoria e, na medida em que isso aconteceu, começamos a nos estranhar, nos distanciamos de nós mesmos e nos alienamos.



O surgimento da mercadoria, então, transformou o interior das comunidades. A distribuição dos produtos de forma eqüitativa reorganizou as relações sociais, começando a desestabilizar a ordem comunal, devido aos princípios de desigualdade e ao nascimento de novos valores. (ENGELS e MARX, 1976). O Grupo Krisis (1999, p. 5), que resgata e discute as idéias de Adorno, Marx e dos autores que participaram da Escola de Frankfurt afirma:

*“Somente o moderno sistema produtor de mercadorias criou, com seu fim em si mesmo da transformação permanente de energia humana em dinheiro [...] uma esfera da atividade dependente incondicional, desconectada e robótica, separada do restante do contexto social e obedecendo a uma abstrata racionalidade funcional de economia empresarial”*

E é sob este ponto de vista que o surgimento da mercadoria, do dinheiro e das relações de troca simbolizou a separação entre o trabalho e o lazer, alimentando e aprofundando a desigualdade social pela própria evolução do modo de produção.

A explicação alternativa apresentada por Weber (2004), enfatiza aspectos culturais que permitiram a expansão do capitalismo. Para ele, o desejo pelo acúmulo de riquezas sempre existiu nas sociedades humanas, como no Império Romano ou durante as grandes navegações, mas até meados do século XVII. Para demonstrar isso, ele aponta as amplamente conhecidas condenações feitas pela Igreja Católica às práticas da usura e do lucro pelos comerciantes ao longo dos séculos XV e XVI.

Na reforma religiosa promovida por Lutero e Calvino, a atividade profissional estaria associada a um dom ou vocação divina e, portanto, seria da vontade de Deus que ela fosse exercida. De acordo com o Grupo Krisis (1999, p.4): *“desde os dias da Reforma, todas as forças basilares da modernização ocidental pregaram a santidade do trabalho”*.

Assim, o trabalho, que antes era visto como um mal necessário, passou a ter uma valorização positiva, mesmo com a ruptura entre lazer e trabalho. Mais que isso, Calvino apontou o trabalho como a única forma de salvação e a criação de riquezas pelo trabalho como um sinal de predestinação.

Esses dogmas religiosos formaram o fundamento de um conjunto de normas que regem a conduta diária do fiel. E essas normas, ao se encaixarem à lógica de mercado, da mercadoria e do lucro, criaram as condições necessárias para a expansão do “espírito”, como o denomina Weber (2004), capitalista, e posteriormente, da sociedade industrial.

Será, então, que estaremos condenados a trabalhar sem prazer? A nos conformarmos com a lógica do sistema capitalista e aceitarmos sermos transformados em mercadoria? Não.

O pensamento crítico, que busca estabelecer um novo paradigma, tendo o homem como centro das discussões, é o caminho para nossos questionamentos. A busca pela emancipação do ser humano por meio de um pensamento reflexivo e socialmente responsável, é uma das respostas.

A Escola de Frankfurt, criada por volta de 1916 pelos membros do Instituto de Pesquisas Sociais, representa a mais forte e reconhecida corrente do pensamento crítico. Autores como

Adorno, Horkheimer e Marcuse criaram novas perspectivas, tendo como base os escritos de pensadores como Weber, Hegel, Kant, Freud e Marx.

Os teóricos da Escola de Frankfurt não aceitam a ordem social presente, obstruindo qualquer possibilidade de mudança. O pensamento crítico busca promover uma outra forma de ver o mundo, procurando reduzir a alienação do homem e sua aceitação do *status quo*, estimulando-o a defender seus valores e a buscar sua emancipação como indivíduo.

E é por meio desta perspectiva, que o trabalhador poderá sentir prazer, mesmo com toda a pressão do sistema capitalista. Mesmo com o impacto da alienação, que analisaremos em seguida.

### **2.3 Alienação**

A Revolução Industrial, que ocorreu por volta de 1780, com a invenção da máquina a vapor, se caracterizou pelo avanço da mecanização e da divisão de trabalho. A substituição de métodos artesanais por mecanizados absorveu grandes contingentes de mão-de-obra, junto com um aumento da capacidade produtiva (MARX, 1982).

Em torno de 1912, ocorreu uma nova revolução no modo de produção, caracterizada pela linha de montagem de Ford. O trabalho se tornou cada vez mais compartimentalizado, especializado, repetitivo e não-qualificado (HOBSBAWN, 1995).

A análise do trabalho e o estudo dos Tempos e Movimentos de Taylor (1980) criaram uma reestruturação das operações industriais, eliminando os movimentos desnecessários, economizando energia e tempo. Com isso, cada operário passou a ser especializado na execução de uma única tarefa ou de tarefas elementares e simples, para ajustar-se aos padrões e às normas de desempenho estabelecidas pelo método.

Esta execução de uma única tarefa de maneira contínua e repetitiva se materializou na linha de montagem fordista, representado por Charles Chaplin em *Tempos Modernos*. A idéia básica de Taylor (1980) era de que a eficiência aumenta com a especialização.

O trabalho era visto como a objetivação da exploração. A divisão do trabalho e a apropriação privada dos meios de produção passaram a impor aos trabalhadores condições de trabalho precárias e a separar o homem de si mesmo. Eis a alienação.

A alienação, que surge inevitavelmente com o novo sistema de produção, segundo os conceitos de Marx (1982), é (re) produzida pelo modo capitalista de produção, na qual o trabalhador não possui o controle dos meios de produção, vende seu trabalho como mercadoria, e não interage com sua criação, já que em raros momentos vê-se junto com o produto que ajudou a produzir. Neste sentido, ao invés de servir como uma forma de realização, o trabalho, por si só, aliena os seres humanos.

É na sua acepção histórica particular nos moldes capitalistas - na forma da divisão do trabalho, troca, propriedade privada - que a atividade teleológica se torna trabalho assalariado. Ao invés de ser uma objetivação e o elemento mobilizador da sociabilidade que realiza uma

subjetividade rica, o trabalho aqui se transforma no seu contrário: aliena o homem ao invés de objetivá-lo, passa a ser o que o avilta e mutila, aparecendo como a base de toda alienação.

O homem é dominado por aquilo que ele cria, o que o impede de fazer a passagem do singular para o genérico, expressando uma sociabilidade marcada pelo caráter individualista e egoísta. Conforme Mézaros (1981, p.76): *"a atividade produtiva é, portanto, a fonte da consciência, e a 'consciência alienada' é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da auto-alienação do trabalho."*

O homem se divorcia de si mesmo pela alienação e o caminho que o conduz a perder-se é o mesmo que o constrói: o trabalho. O homem se hominiza pelo que faz e se desumaniza no mesmo processo de construção do seu ser pelo trabalho.

Partindo desta perspectiva, Dejours (2000, p.141) acaba por corroborar que: *"o trabalho é uma fonte inesgotável de paradoxos. Incontestavelmente, ele dá origem a terríveis processos de alienação, mas pode ser também um possante instrumento a serviço da emancipação, bem como do aprendizado e da experimentação da solidariedade e da democracia"*.

O trabalho cria a identidade social e pessoal. E é aí que se encontra um de seus paradoxos. Ao trabalhar, o ser humano tem a oportunidade de aprender, criar e interagir com os outros, reforçando assim a sua identidade pessoal. Ao mesmo tempo em que o trabalho causa sofrimento e alienação, ele também é uma fonte de superação por si só. Como sujeito da ação, o homem é parte integrante e integrada do fazer, logo será por meio do trabalho que dar-se-á sua realização pessoal. Deste modo, afirma Dejours (1992, p. 133):

*“A organização do trabalho exerce, sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora. Esse sofrimento, de natureza mental, começa quando o homem, no trabalho, já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa no sentido de torná-la mais conforme às suas necessidades fisiológicas e a seus desejos psicológicos – isso é, quando a relação homem-trabalho é bloqueada”.*

Ao trabalhar, o homem transforma a natureza e se constitui como pessoa. Partindo deste argumento, podemos dizer que o trabalho é fundamental para manter o equilíbrio psíquico, sendo uma inesgotável fonte de prazer e de sofrimento. Por sua vez, o próprio sofrimento, visto como o enfrentamento inexorável da verdade, pode ser uma fonte de prazer. Pois, na medida em que a pessoa busca constantemente significados para dar sentido ao seu viver, ela, naturalmente, experimenta dor e sofrimento em busca da felicidade. Neste sentido Mendes (1999, p.23) acrescenta:

*“O prazer é vivenciado quando experimentados sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho. A valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, é importante e significativo para a organização e a sociedade. O reconhecimento é o sentimento de ser aceito e admirado no trabalho e ter liberdade para expressar sua individualidade”.*

É preciso chamar a atenção para o papel que o trabalho exerce na vida psíquica da dinâmica humana dentro das organizações. E como a lógica do capital e o amadurecimento do capitalismo sofisticaram as relações entre o homem e o trabalho ao longo do tempo, estudar qualquer parte da dimensão humana no trabalho se torna mais que fundamental. Torna-se essencial para o rumo da humanidade.

Neste capítulo, vimos que a evolução do homem se deu por meio do trabalho e analisamos sua relação ao longo de sua história. Discutimos sobre a relação entre lazer e trabalho, bem como a associação entre prazer e lazer. Também refletimos sobre o caráter paradoxal do trabalho, que ao mesmo tempo em que ele é libertador e criador, possibilitando o prazer, ele é destruidor e alienante, com o surgimento da mercadoria corroborado pela lógica capitalista dos meios de produção.

### ***Capítulo 3***

#### ***PRAZER NAS ORGANIZAÇÕES***

Este capítulo busca traçar um diálogo entre diversas áreas do conhecimento sobre o prazer. Com o interesse em compreender as mudanças sociais e o trabalho em uma perspectiva histórica, nos propusemos a dividir nossa investigação em duas partes. A primeira, a fim de examinar a questão do prazer no trabalho para além dos limites da sociedade capitalista, fizemos uma incursão na sociologia, na filosofia e na psicologia positiva, acreditando que elas possam nos oferecer subsídios para o tema em questão. E a segunda, mais focada no ramo da psicanálise, busca traçar um caminho harmonioso na luta entre o princípio de prazer e o princípio de realidade.

##### ***3.1 Subjetividade e prazer como fonte de emancipação***

O ser humano como um organismo vivo que ri, chora, tem sentimentos e, acima de tudo, se relaciona o tempo todo com o mundo a seu redor, não pode negar ou desprezar a sua subjetividade. Prazer e sofrimento, por não serem quantificáveis, se tornam difíceis de serem abordados, mas ninguém ignora o seu significado, e todos sabem que isso só se vivencia integralmente na intimidade da experiência interior.



Como já descrevemos, o ser humano se realiza por meio do trabalho, mas o interessante é constatar que ele é pouco estudado pela ótica da realização de suas relações emocionais. Com o mundo ocidental regido pela supremacia da razão, influenciado pelo Iluminismo, as teorias organizacionais deixaram de lado a subjetividade imanente à condição humana e, pregaram o mito da racionalidade como o estandarte do poder. Chanlat (1993, p. 19) corrobora com este argumento afirmando:

*“A subjetividade é presente em todos os níveis e em todas as questões. Desprezar essa dimensão em prol de um objetivismo que garanta toda a eficácia resume-se em condenar o ser humano a viver em excesso de sofrimento e a organização a privar-se da mola essencial de sua dinâmica”.*

As teorias organizacionais, num primeiro momento, se preocuparam com a dimensão da subjetividade do trabalhador sob um ponto de vista instrumental. A teoria clássica, de Taylor e Fayol, e, principalmente, a Escola das Relações Humanas, de Elton Mayo e outros, estavam mais preocupados em buscar a racionalidade funcional dos trabalhadores. O foco de seus estudos visava, na verdade, a maior produtividade dentro da empresa e não o crescimento individual do ser humano.

Veio dos teóricos críticos da Escola de Frankfurt, entre as duas grandes guerras mundiais, a tentativa de enquadrar o ser humano nas organizações, por meio da incorporação sistemática de todas as disciplinas de pesquisa social científica em uma teoria materialista da sociedade, facilitando, assim, o diálogo aberto entre a ciência social acadêmica e a teoria marxista.

A idéia de uma extensão interdisciplinar do marxismo amadureceu com Horkheimer nos anos 20. O conceito fundamental da teoria crítica era lançar uma ponte sobre o abismo que

separava a pesquisa substantiva e a filosofia, fundindo esses dois ramos do conhecimento em uma única forma de reflexão modelada pela filosofia hegeliana da história. Para que isso pudesse ser alcançado, era evidentemente necessário dispor de uma teoria da história capaz de determinar os efetivos poderes da razão que residem no próprio processo histórico.

Portanto, trilhando um caminho teórico crítico ao longo deste estudo, encontramos uma oportunidade interdisciplinar entre a administração, a psicologia, a história, a antropologia, a sociologia e a filosofia. Entendemos que só assim conseguiremos estudar o prazer no trabalho.

A forma como a pessoa vê a si mesma e ao mundo à sua volta afeta os resultados organizacionais. Como passamos a maior parte do tempo no trabalho, prestar atenção nas relações, sentimentos e características que ele nos remete é essencial. Hierarquização, dominação, conflitos internos e externos, poder, alienação e sofrimento são algumas questões estudadas no campo da administração.

Dejour (2000) descreve sobre o sofrimento e o prazer na sociedade moderna calcado no estudo da psicodinâmica do trabalho, afirmando que todas as relações profissionais passam pela questão emocional. Sua visão é de que o trabalho ainda é fragmentado, sem sentido, normatizado, rotineiro, burocratizado e gerador de conflitos com a vida social e familiar.

Tendo isso como verdade, de que maneira o homem lida com sua subjetividade, que há tanto tempo foi renegada pela própria evolução do trabalho e com a alienação?

A visão dejouriana de prazer e sofrimento nos ajuda a elucidar esta questão. Dejour (2000), seguindo o mesmo princípio de Freud (2003), descreve sobre a sublimação. Esta é entendida como um processo psíquico por meio do qual as pulsões encontram uma saída dessexualizada no campo social. Ou seja, segundo o conceito freudiano, a energia de vida é fortemente ligada ao desejo sexual, e a sublimação, nem sempre consciente, é um dos mecanismos para aliviar a

tensão deste desejo, para que ele não se transforme em sofrimento. Portanto, o prazer no trabalho, neste sentido, é um produto derivado do sofrimento.

Dejour (2000) vê no trabalho um campo em potencial para jogar com esta tensão e transformá-la em criações socialmente úteis. As condições da organização podem facilitar ou não a sublimação, ao favorecer ou bloquear a criatividade. A questão da administração não é, assim, tentar eliminar o sofrimento no trabalho, mas sim propiciar aos trabalhadores condições para que eles mesmos consigam gerir seu sofrimento, em proveito próprio e da organização. Assim, afirma Dejours (2000, p. 103):

*“Pois trabalhar é não apenas ter uma atividade, mas também viver: viver a experiência da pressão, viver em comum, enfrentar a resistência do real, construir o sentido do trabalho, da situação e do sofrimento”.*

Então, de que forma conseguiremos gerir nosso sofrimento em prol de uma vida prazerosa?

Qual será o passo para a obtenção de prazer?

De acordo com Mihaly (1990), o resultado de muitas forças que modelam nossas experiências é constatado por meio de nossa percepção, seja ela positiva ou negativa. E ela é que irá determinar o que enxergamos, como sentimos e o que fazemos de nossas vidas. Portanto, acreditamos que o caminho para obtenção de prazer no trabalho será diretamente proporcional ao grau de percepção interna de cada indivíduo. Corroborando com este raciocínio, afirma Merleau-Ponty (1990, p.54):

*“Uma teoria do comportamento sem uma teoria da percepção é impensável. Entre uma estrutura de comportamento e uma de percepção existe uma relação de reciprocidade: o espaço do comportamento*

*humano está, de um lado, limitado pela percepção, que mede a nossa relação com o mundo e se constitui no pano de fundo ineliminável de todas as nossas atividades. Por outro lado, o campo da percepção, que se aperfeiçoa apenas através do nosso agir vivente, oferece orientações.”*

Se Merleau-Ponty (1990) estiver certo, podemos então afirmar que, como vivemos num mundo alimentado pelo conhecimento, domínio pessoal talvez seja uma das características mais importantes na busca do trabalho prazeroso, até então pouco explorado pelos teóricos de administração.

Outra área importante a ser analisada é a filosofia. Por volta de 323 a.C., vieram de Epicuro (2002) os primeiros estudos sobre prazer. Sua doutrina era fazer com que os homens fossem felizes. *“O prazer, como o bem principal e inato, não é algo que deva ser buscado a todo custo e indiscriminadamente, já que às vezes pode resultar em dor. Do mesmo modo, uma dor nem sempre deve ser evitada, já que pode resultar em prazer”* (EPICURO, 2002, p.16). Desta forma, ele recomenda a prudência como o melhor caminho para se obter prazer. Ele afirma que o *“prazer é o início e o fim de uma vida feliz”* (EPICURO, 2002, p.37), pois sempre pautamos nossas escolhas de acordo com a distinção entre prazer e dor.

Epicuro (2002) talvez diga o essencial: a prudência é que escolhe, pela comparação e pelo exame das vantagens e desvantagens, os desejos que convém satisfazer e os meios para satisfazê-los. A prudência é *“mais preciosa até que a filosofia”* (EPICURO, 2002, p.45) e é dela que provêm todas as outras virtudes. O homem prudente é atento, não apenas ao que acontece, mas ao que pode acontecer.

Ocorre-nos recusar numerosos prazeres, explica Epicuro (2002), quando devem acarretar maior desprazer, ou buscar determinada dor, se ela permitir evitar dores piores ou obter um prazer mais vivo ou mais duradouro. Assim, é sempre pelo prazer que vamos, por exemplo, ao médico ou ao trabalho, mas por um prazer no mais das vezes posterior ou indireto, ou seja, por evitar ou por suprimir de uma dor, que a prudência prevê ou calcula.

No fundo, é o que Freud (1997) chamou de princípio da realidade, que veremos na próxima seção ou, pelo menos, a virtude que lhe corresponde: trata-se de desfrutar o mais possível, de sofrer o menos possível, mas levando em conta as imposições e as incertezas do real.

Freud (1997) parece, então, concordar com Epicuro (2002) quando diz que os seres humanos querem ser felizes e se esforçam para permanecerem assim. O princípio do prazer que se transforma no princípio da realidade nos mostra que, quando obtemos prazer, um sentimento de contentamento muito tênue nos vem à tona, o princípio de realidade, boicotando a busca da felicidade. Logo, nossas possibilidades de felicidade estão sempre limitadas por nossa própria constituição. Portanto, nestes termos, o prazer é possível apenas como uma manifestação episódica.

Neste sentido, Schopenhauer (2001, p.5) argumentou que a *“felicidade completa e positiva é impossível; em vez dela, pode-se esperar apenas um estado relativamente menos doloroso”*. Em sua visão, o que determina a capacidade de sofrermos e de sentirmos prazer é primeiro, uma *“serenidade de espírito”*. Segundo, *“a saúde do corpo”*. Terceiro, a *“paz de espírito”* e, em quarto lugar, os *“seus bens exteriores em medida muito pequena”*. Para este autor, felicidade e prazer não passam de uma ilusão, enquanto o sofrimento e a dor são reais. Por isso, os seus ensinamentos nos mostram que o caminho para a arte de se obter prazer e ser feliz começa apenas quando evitamos o sofrimento e a dor. Parece que, deste modo, ele também “dialoga” com Freud e Epicuro.

Apesar de o fato da ciência ter acumulado muito conhecimento ao longo dos séculos e das pessoas terem a possibilidade de viverem cada vez mais, o que se constata é, em geral, o sentimento que a vida foi desperdiçada e que os anos se passaram permeados de ansiedade, estresse e tédio.

Mihaly (1990), o pai da psicologia positiva, em seus estudos também nos mostra um caminho para obtenção de prazer. Ele argumenta que em alguns momentos da vida, ao invés de sermos sacudidos por forças anônimas, sentimos o controle dos nossos atos, como mestres de nosso destino. Nas poucas ocasiões que isso acontece, sentimos um profundo sentimento de alegria, contentamento e jovialidade, que é guardado na memória como um marco de como a vida deveria ser. Este momento é chamado de “*optimal experience*”.

A teoria da “*optimal experience*” é baseada no conceito chamado “*flow*”, o estágio em que a pessoa está tão envolvida em uma atividade qualquer que nada parece lhe importar. Esta experiência é tão prazerosa que a pessoa a fará mesmo que lhe custe muito.

*“Flow is the way people describe their state of mind when consciousness is harmoniously ordered, and they want to pursue whatever they are doing for its own sake” (MIHALY, 1990, p. 6)*

Estes conceitos que começamos a descrever foram frutos de décadas de pesquisas de Mihaly (1990), nos mais variados países, com o objetivo de poder mensurar, de alguma forma, a qualidade das experiências subjetivas dos indivíduos.

O estudo do *flow* está sendo realizado por psicólogos que estudam felicidade, satisfação e motivação, por sociólogos que consideram o *flow* como sendo o oposto da alienação, e por antropólogos, que estudam os fenômenos dos rituais. Nosso interesse está centrado em constatar mais uma possibilidade de sentir prazer no trabalho e, é claro, em descobrir momentos que ocorram o *flow* ao longo da rotina do trabalhador, visto que esta percepção gera prazer e nos afasta da alienação do sistema capitalista de produção.

Foi constatado que o momento do *flow* não tem gênero, idade, cor e raça. A *optimal experience* vai depender da habilidade de controlar o que acontece em nossa consciência, momento a momento. Para atingir o controle do que acontece dentro de nossa consciência, existem infinitos caminhos, os quais podem levar a uma gama de oportunidades para a obtenção do prazer (MIHALY, 1990).

Mais uma vez, então, estamos diante do conceito de autoconhecimento. A percepção de Merleau-Ponty (1990) nos retorna como sendo um dos pontos basilares para percebermos o prazer dentro de nossa consciência. Prazer este que só é vivido e sentido internamente.

Se for assim, a maneira como nos sentimos, encaramos a vida, dependerá diretamente de como filtramos e interpretamos nossas experiências?

Segundo o neurologista Damásio (2000) sim, pois a simples verdade é que o controle da consciência, ou seja, o autoconhecimento, determina a qualidade de vida. Desde os primeiros registros da história da humanidade, os oráculos aconselhavam: “*conhece-te a ti mesmo*”. Aristóteles e os filósofos estoicos, na antiguidade clássica, já refletiam sobre as virtudes da atividade da mente.

É interessante notar que, num determinado momento da história, como na China de Confúcio e na República de Roma, culturas levaram em consideração que a pessoa não era completamente humana a menos que aprendesse a lidar com seus pensamentos e sentimentos.

Mihaly (1990) argumenta que cada um de nós tem uma idéia, mesmo que seja vaga, do que queremos realizar antes de morrer. A qualidade de vida será mensurada individualmente por este ideal. À medida que atingimos, mesmo que parcialmente, os nossos objetivos, experimentamos prazer e satisfação, e à medida que nos distanciamos, acumulamos sentimentos como frustração e ressentimento. Portanto, a lacuna entre o que é de fato vivido, o real, e o nosso ideal, irá medir internamente o que pensamos ser a qualidade de vida. Assevera Damásio (2000, p. 56):

*“Ter controle sobre a consciência não é simplesmente uma habilidade cognitiva. Por mais que a pessoa seja inteligente, requer um comprometimento entre emoções e desejos. O conhecimento de como se ter controle da consciência deve ser reformulado toda vez que o contexto cultural mudar”.*

E é aqui que nos encontramos novamente com Freud, pois segundo o mesmo, a civilização foi construída na base da repressão dos desejos individuais, no contrato social. Seria impossível manter qualquer tipo de ordem social, ou qualquer complexa divisão de trabalho, a menos que os membros da sociedade fossem forçados a assumir os hábitos e as habilidades correspondentes a cada cultura.



É sabido que socialização não pode ser evitada e é mesmo fundamental para o ser humano. Ela busca fazer com que as pessoas tornem-se dependentes dos controles sociais, para que elas respondam em uma lógica que vai desde a punição até a recompensa. A forma mais efetiva de socialização é quando as pessoas se identificam intensamente com a ordem social que chegam a um ponto de não romper mais com nenhuma regra estabelecida pelo sistema. Lane (2004, p. 9) afirma:

*“É a história do grupo ao qual o indivíduo pertence que dirá o que é reforçador ou o que é punitivo [...] as emoções que são respostas do organismo e, como tais, universais, se submetem às influências sociais ao se relacionarem com o que nos alegra, nos entristece, nos amedronta.”*

No escopo desta discussão, Marcuse (1968) acrescenta que o passo mais importante a ser dado é a emancipação do homem perante o inevitável controle social. Emancipação esta que somente poderá ocorrer por meio da emoção e subjetividade de cada um.

Por mais que o mundo do trabalho, ao longo da história do homem, tente se apropriar do ser humano, afastando-o de si mesmo, a subjetividade humana, maior que todas as forças, reage contra o sistema alienante. A alienação, inevitavelmente como mundo moderno de produção, abalou as estruturas psíquicas dos indivíduos, mas mesmo assim, não se apoderou dele, justamente porque nenhum acontecimento externo tem esta capacidade. Só o homem tem o poder sobre si mesmo e só ele poderá, de acordo com seus instrumentos internos se emancipar.

Logo, por mais óbvio que possa parecer, o caminho para obtenção de prazer se dará por meio da subjetividade dos indivíduos, pela capacidade de transformar a forma como ele vê o mundo, mesmo que o conteúdo permaneça o mesmo. Ou seja, mesmo com a alienação advinda do capitalismo, o ser humano tem, e sempre terá, a capacidade de se libertar. E é deste modo que Marcuse, Freud, Mihaly, Dejours e muitos outros teóricos de diversas áreas da ciência pensaram a questão do trabalho e propuseram um caminho de libertação por meio da emoção prolongada no tempo.

O prazer aqui então, apresenta-se não só como sentimento positivo, mas também como um fator que contraria a racionalidade instrumental dos meios de produção. O prazer aparece-nos como uma resposta à alienação do capitalismo. Como fonte de libertação e emancipação dos seres humanos.

### ***3.2 Princípio de Prazer e Princípio de realidade: a eterna luta no trabalho***

Ao pensar a natureza do trabalho seria simples afirmar que é evidente que ele nos dá prazer. Pois se o trabalho é o meio de vida dos homens, é o que o torna vivo e é o que o faz um ser social, seria óbvio afirmarmos que sentimos prazer. Porém, como já discutimos, a complexidade do ser humano é tamanha, que na medida em que fomos acumulando conhecimento, fomos também nos aprisionando num sistema alienante.

Como descrevemos em capítulo anterior, o trabalho, modo de sobrevivência do homem, transformou-se também em modo de exploração de um homem pelo outro com o capitalismo.

Na busca para entendermos como o indivíduo sente prazer no trabalho, recorreremos a outro campo do conhecimento: a psicanálise.

A primeira base do pensamento de Freud (2003) está na idéia de progresso humano. De acordo com ele, a história do homem é a história de sua repressão e, sob este argumento, repousa a idéia de que a cultura humana tem em sua base a repressão dos instintos humanos, que, por sua vez, são transformados pela repressão, possibilitando uma reestruturação dos mesmos.

Essa reestruturação é o que Freud (1997) considera como o progresso e, por meio dele o ser humano se constrói. Magalhães (1997, p. 54) esclarece:

*“Freud , o pai da Psicanálise, diz que a psique humana é comandada por dois instintos básicos. O primeiro, regido por Eros, é o princípio do prazer, voltado para a vida e tudo a que pertence a esse campo semântico. O segundo, regido por Thanatos, é o princípio da realidade, voltado para o campo semântico morte. Para Freud, o instinto de Eros, se não controlado, pode ser tão funesto quanto o de Thanatos, pois, ao solicitar a gratificação imediata, torna impossível a vida em sociedade. Por isso, a civilização só pôde ser viável mediante a repressão do princípio de prazer, o que ocorreu com o desvio dessa energia para fins produtivos.”*

Hegel (1976) argumenta que o homem animal converte-se em ser humano somente por meio de uma transformação fundamental da sua natureza: o trabalho. Este processo de construção de sua subjetividade, conforme a teoria freudiana, se dá pela transformação do princípio de prazer em princípio de realidade. A idéia de prazer transcende o prazer sexual.

Princípio de prazer é entendido como a busca, a conquista de prazer de maneira irracional, de maneira irrestrita, independentemente da consideração acerca de seus atos. Caracteriza-se principalmente pela ausência de repressão dos instintos humanos. Já o princípio da realidade no processo de satisfação da libido se confronta com o real, transformando o princípio de prazer em princípio de realidade.

Poderá, então, o indivíduo chegar à conclusão traumática que, sob o comando do princípio de realidade, ele terá que renegar a busca do prazer momentâneo e incerto, em troca de um prazer adiado, futuro, mas garantido?

Provavelmente não, pois segundo Freud (*apud* MARCUSE, 1968, p. 35), “*o princípio de realidade salvaguarda, mais do que destrona, e modifica, mais do que nega, o princípio de prazer*”.

Marcuse (1968), um teórico crítico, recupera na teoria freudiana argumentos a respeito da natureza humana e vai adiante discutindo uma saída para trabalho alienado por meio do prazer.

O trabalho canaliza a energia despendida da atividade lúdica e da restrição de prazer. Em outras palavras, o ser humano sublima esta energia para o trabalho direcionando-a para a produtividade na lógica do princípio de realidade. Quando isso acontece, o trabalho é visto como um esforço penoso e alienado, mas necessário para a sobrevivência.

Como já dito, é por meio do trabalho que a sociedade se desenvolve e garante a existência de seus componentes. É ainda por meio dele que a sociedade racionalizada exerce sua forma de dominação, reproduzindo as condições repressivas de maneira ampliada. Daí a proposição de uma sociedade não repressiva estar fundamentada, em Marcuse (1968), pela instauração de um novo referencial para o trabalho.

A sociedade racionalizada é a constatação da vitória do princípio de realidade. Este princípio de realidade é transformado em princípio de desempenho, e *"ao fato de que, sob seu domínio, a sociedade é estratificada de acordo com os desempenhos econômicos concorrentes dos seus membros [...] o princípio de desempenho, que é o de uma sociedade aquisitiva e antagônica no processo de constante expansão, pressupõe um longo desenvolvimento durante o qual a dominação foi crescentemente racionalizada: o controle sobre o trabalho social reproduz agora a sociedade numa escala ampliada e sob condições repressivas.* (MARCUSE, 1968 p 58)

Sob a égide deste princípio, os homens enquanto trabalham não satisfazem suas próprias necessidades, pois *"o tempo de trabalho que ocupa a maior parte do tempo da vida de um indivíduo, é um tempo penoso, visto que o trabalho alienado significa a ausência de gratificação, negação do princípio de prazer"* (MARCUSE, 1968 p 58).

A alienação, que é imanente ao mundo capitalista em que vivemos, terá o poder de dominação sobre nossos instintos? Absorverá toda capacidade humana de refletir e se emancipar? Ou, será que ela é apenas mais um entrave do sistema repressivo que nega o princípio de prazer?

Marx (1982) nos dá a resposta, quando afirma que o ser humano sempre triunfará sobre a lógica do capital, ou seja, por mais que a alienação separe o homem de si mesmo, ela nunca conseguirá fazer isso em sua integralidade. Portanto, apesar de toda racionalidade, de toda alienação do sistema, seremos capazes de refletir, pensar e nos libertar de nós mesmos.

Percebe-se, então, que sempre haverá um hiato entre a luta do princípio de prazer com o de realidade. Este hiato, segundo a psicanálise, originado pela fantasia e pelo sonho, é o que vai garantir ao ser humano um caminho para a liberdade.

Jung (*apud* Marcuse, 1968 p. 138) diz que “*a fantasia é a mãe de todas as possibilidades*”, onde “*o conflito entre o mundo interno e externo se unem*”. Já para Marcuse (1968, p. 138):

*“o valor de verdade da imaginação relaciona-se não só com o passado, mas também com o futuro; as formas de liberdade e felicidade que invoca pretendem emancipar a realidade histórica. Na sua recusa em aceitar como finais as limitações impostas à liberdade e à felicidade pelo princípio de realidade, na sua recusa em esquecer o que pode ser, reside a função crítica da fantasia.”*

A fantasia é um mecanismo muito importante no qual o princípio de realidade não tem influência. Este mecanismo, para Freud, manteve-se livre das pressões do princípio de realidade.

*“com a introdução do princípio de realidade, um modo de atividade do pensamento cindiu-se e manteve-se livre do critério de realidade, continuando subordinado exclusivamente ao princípio de prazer. E o ato de elaboração da fantasia (das Phantasieren - a fantasiação), que começa logo com os brinquedos infantis e, mais tarde, prossegue como divagação e abandona sua dependência dos objetos reais”* (*apud* MARCUSE, 1968, p. 132).

Já que é por meio da ausência plena de prazer que se mantém a organização social do trabalho nos dias atuais, um dos caminhos a ser trilhado poderia ser a proposta de Marcuse (1968) em transformar a repressão instintiva predominante em libertação instintiva. Assim, o princípio de prazer poderia criar novas e duradouras relações de trabalho. Um caminho para esta transformação seria feito pela imaginação.

Longe de negar os avanços da civilização, vemos que os princípios que norteiam a vida dos seres humanos, serão os mesmos que recriarão um caminho para humanização do trabalho. Este caminho, estando de acordo com Marcuse (1968), se daria por meio de liberdade instintiva, na qual as relações não seriam repressivas. Por meio da imaginação, o homem tem a chave para o princípio de prazer, e mais, tem dentro de si o potencial para se emancipar.

Como foi a própria história do homem que o acorrentou, será então o próprio homem que o libertará. Marcuse afirma (1968, p. 167), “*o impulso lúdico é o veículo dessa libertação [...] numa civilização autenticamente humana, a existência humana jogará em vez de labutar com esforço*”. E isso já nos é culturalmente familiar, pois, como mencionamos, nossa história iniciou com prazer no trabalho, misturando lazer e prazer.

A faculdade mental que exerce a liberdade é a da imaginação. Logo, o livre jogo da imaginação traça e projeta as potencialidades do ser total. Assim, “*as leis da razão devem reconciliar-se com os interesses dos sentidos*” (MARCUSE, 1968, p. 169). Ou, o princípio de prazer deve reconciliar-se com o de realidade.

Por sua vez, o papel do trabalho, fundamental na construção do princípio de realidade, deve originar a harmonia entre a satisfação individual e a universal. O homem deve, de acordo com seu conhecimento acumulado, indagar de novo o que é bom e o que é mau. Deve se transformar num sujeito de sua auto-realização, ou seja, o trabalho socialmente útil tem que ser ao mesmo tempo transparente de satisfação de uma necessidade individual.

Mas, qual será o caminho para que isso se realize? Qual será o caminho para que o princípio de realidade entre em harmonia com o princípio de prazer?

Segundo Marcuse (1968) uma questão fundamental nos esforços humanos conjuntos para obtenção de prazer no processo de trabalho se materializa por meio da colaboração. Pois, por

meio dela, os indivíduos formam vínculos afetivos que prolongam e consolidam as relações entre eles positivamente.

Então, podemos dizer que será por meio de vínculos afetivos que o princípio de realidade se relacionará com o princípio de prazer. Será por meio destes vínculos prolongados no tempo, como por exemplo a colaboração, é que o ser humano encontrará no trabalho, prazer. Como ensinou Marcuse (1968, p. 190): *“Uma vez que se supõe ser o trabalho, por si mesmo, a gratificação de um instinto, o trabalho gera prazer no desempenho eficiente.”*

Atualmente, existe uma discussão (Russell, 2003) a respeito do que é ou pode ser considerado prazer em várias áreas de conhecimento. A medicina, a neurociência, a linha evolucionista, os cognitivistas e a psicologia social, entre outros, buscam encontrar as funções e a(s) origem(s) do prazer por meio de estudos sobre os mecanismos cerebrais, sobre como o ser humano transporta emoções ao longo de sua evolução ou como um sorriso pode significar sinais de prazer. De acordo com suas áreas, uns afirmam que o prazer tem um caráter único (Johnston, 2003), *the unity view*, outros defendem seus múltiplos significados, *the multiplicity view*.

Acreditamos que o prazer tem um caráter múltiplo. Que é caracterizado por uma experiência mais constante e prolongada no tempo, um modo de sentir, que muitas vezes não se expressa de forma consciente e direta. Acreditamos que alegria, satisfação, sentimentos e emoções positivas são considerados sinais para obtenção do prazer. E é esse prolongamento de vínculos afetivos no tempo que distingue prazer de satisfação. O princípio de prazer se nega a esgotar-se na satisfação imediata, construindo barreiras para a intensificação do ato de plena realização.

Como podemos observar, o trabalho possui um caráter dialético. Ao mesmo tempo em que ele é alienante e opressor no interior do capitalismo, ele também tem a potencialidade de



transformar e permitir a verdadeira realização da essência do homem. O trabalho, que é a representação do princípio de realidade, pode constituir-se em um espaço de prazer a partir do momento que a subjetividade humana for resgatada e valorizada por cada indivíduo em sua jornada diária e rotineira de trabalho.

Neste capítulo, apresentamos discussões a respeito de prazer propriamente dito e do prazer no trabalho. Buscamos refletir com base na filosofia, na sociologia, na psicologia positiva e na psicanálise sobre os temas que envolvem o prazer.

## ***Capítulo 4***

### ***RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO***

Nos capítulos anteriores, destacamos alguns mecanismos que podem causar prazer. Agora vamos detalhar os resultados obtidos na pesquisa de campo. Inicialmente, exploraremos as informações obtidas pelas entrevistas realizadas com os músicos e seus respectivos desenhos, para depois analisarmos as informações obtidas com os policiais militares.

Vamos dividir a análise do resultado da pesquisa de campo em três partes. Uma com o conteúdo dos músicos, seja por meio de entrevista ou desenho. Outra com as informações dos policiais militares, e a terceira e última, comparando os dois resultados. A análise será dividida em cinco categorias. São elas:

- 1) Trabalho como a realização do ser humano
- 2) Trabalho como meio de sobrevivência
- 3) Trabalho como produção ou contribuição para a sociedade
- 4) Trabalho como um *hobby*, lazer
- 5) Trabalho como desafio pessoal

As categorias aqui apresentadas foram decorrentes dos discursos das entrevistas e dos desenhos de todos os entrevistados. Percebemos que estas são as origens das principais formas de prazer no trabalho variando, de categoria a categoria, a intensidade de prazer destes trabalhadores.

Todos os entrevistados experimentam prazer e sofrimento no trabalho. As formas e a maneira pela qual isso acontece é que varia de pessoa para pessoa. Alguns têm um prazer que parece

mais pleno, mais constante, e outros, um prazer com intensidades diferentes, níveis diferentes e formas diferentes.

#### ***4.1 Características da Amostra Pesquisada: os músicos e os policiais militares***

Foram realizadas 10 entrevistas semi-estruturadas, conforme o Apêndice, com músicos de diversos setores, sendo que:

- Três são da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal e tocam harpa, fagote e violino;
- Dois são da Orquestra Sinfônica Nacional da Universidade Federal Fluminense e tocam contra baixo e violino;
- Um é flautista, é professor de música em uma escola e toca em banda;
- Dois são percussionistas e tocam em bandas; são autônomos;
- Um baixista toca em bandas, dá aulas, compõe e tem um trabalho com música instrumental;
- Um toca violão, dá aulas particulares, toca em bares e bandas, e é compositor também.

Dentre os policiais militares, também foram realizadas 10 entrevistas. Sendo eles:

- Dois Sargentos músicos, que tocam na banda da PM. Um toca saxofone, o outro toca flauta e, ambos têm 10 anos de corporação;
- Um Coronel, que ocupa um cargo de diretoria, que trabalha há 32 anos na PM e também é professor;
- Um Capitão, que é chefe de operações especiais e trabalha há 24 anos na PM;
- Um Major, que trabalhou 18 anos em operações (na rua), tem 20 anos como policial militar e é dentista há quatro anos;

- Um Major, que trabalha há 22 anos na PM e já foi do Exército;
- Um Primeiro Tenente, que trabalha há oito anos na PM e tem restaurantes, academias, hotéis e clubes;
- Um é da reserva, trabalhou 17 anos como PM, já foi do BOPE e sempre trabalhou em operação. Hoje, faz trabalho administrativo e dá aulas;
- Um Sub Tenente do Comando de Policiamento em Áreas Especiais, trabalha há 19 anos na PM, mas tem outras atividades que não quis contar;
- Um Tenente Coronel, que trabalha há 25 na polícia em áreas de operação. Já foi sete anos do BOPE e, atualmente, é o sub comandante de áreas especiais de policiamento. É professor e presta consultoria por fora.

As vintes entrevistas foram realizadas no mês de abril de 2006. É importante ressaltar aqui, que os entrevistados foram muito receptivos. Ao chegar à Polícia Militar, um diretor nos recebeu e se mostrou muito atencioso e pronto para ajudar. De imediato, observamos o clima de descontração entre sua equipe. Este diretor colocou sua secretária a disposição, logo após a sua entrevista, para que ela ajudasse em que fosse preciso.

De uma maneira geral, os policiais militares ficaram contentes em serem entrevistados, pelo fato – disseram - de poderem ajudar ao próximo. Já de início, ficou a impressão que eles sentiam prazer em ajudar as pessoas.

Com os músicos, a primeira entrevista foi na casa de uma harpista que toca no Teatro Municipal. As entrevistas foram realizadas em suas próprias casas, em bares, no Teatro Municipal e algumas depois de seus shows.

## **4.2 O QUE OS MÚSICOS INFORMARAM**

Apresentamos, aqui, os resultados da pesquisa realizada com os músicos, conforme as categorias selecionadas.

### **4.2.1 Trabalho como a Realização do Ser Humano**

O trabalho é um dos meios que o ser humano tem de se realizar e, por este motivo, ele é uma fonte de prazer. Ao longo das entrevistas, alguns músicos já respondiam isso, quando perguntado o que eles pensam sobre o trabalho em geral ou sobre o seu significado.

Um flautista, professor em uma escola, endossa esta teoria dizendo:

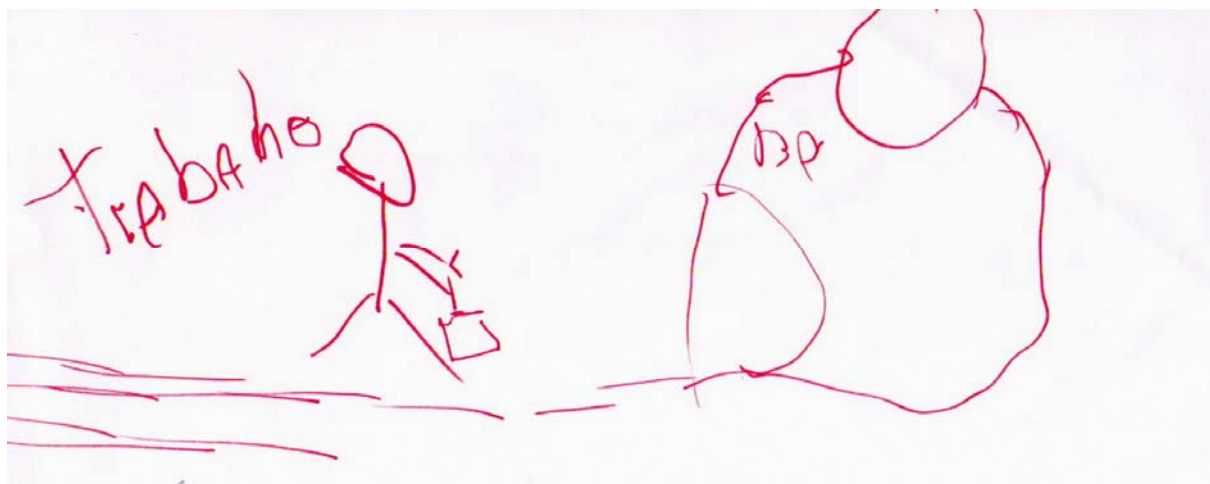
*“Eu acho que como diz o ditado popular, o trabalho enobrece o homem. O trabalho valoriza o ser humano. Ele capacita a pessoa a ser mais feliz. A realizar suas realizações. Eu acho que o trabalho deve ser feito de acordo com o sonho da pessoa, a tendência que a pessoa tem, o domínio sobre o assunto profissional.”*

Para este mesmo músico, o trabalho serve para desenvolver aquilo que a pessoa gosta de fazer. Ele é consciente que tem pessoas que trabalham em coisas que não gostam por uma necessidade ou por falta de opção. Mas, ele diz que trabalha porque gosta, mesmo sendo difícil de sobreviver de música neste país.

*“O trabalho é a realização do ser humano quando você vê o resultado final de seu trabalho”, afirma o flautista. Para ele e para um percussionista, o trabalho é uma espécie de satisfação contínua, que se dá pela troca de experiências pessoais e profissionais.*

É por meio do trabalho que os seres humanos se apresentam um para o outro e se transformam, à medida que interagem entre si. Eles criam uma nova consciência à medida que aprendem e se conhecem por meio do outro. Como afirmou Engels (2004), o trabalho é fundamental e a condição básica de toda a vida dos homens, chegando a um ponto que a própria criação do homem se confunde com o próprio trabalho.

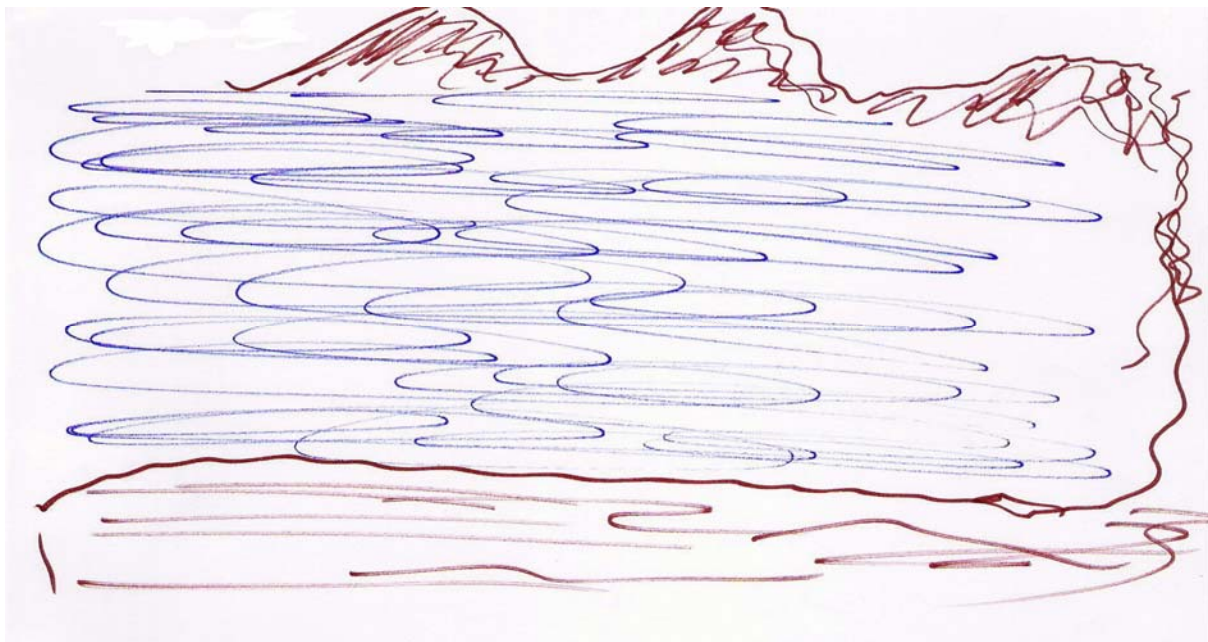
Como assevera um percussionista, *“trabalho é vida”*, explicando que não tem nada mais profundo que expresse a palavra trabalho. Segundo seu desenho a seguir, ele se vê no trabalho como se estivesse ganhado na loteria, feliz e contente.



*FIGURA 1: Desenho do primeiro percussionista*

Assim descreveu o percussionista: *“Eu ganhei na loteria!! (risadas) E tô vindo de casa para trabalhar. Assim eu me vejo no trabalho.”*

Já o flautista desenhou uma lagoa, representando a beleza do céu. Ele vê o trabalho como algo belo e sublime, conforme a figura a seguir.



*FIGURA 2: Desenho do Flautista*

E disse: “*Vou desenhar um céu azul. Quero dizer, é uma lagoa azul refletindo o azul do céu com umas montanhas ao lado. É a beleza da lagoa. É o trabalho.*”

De uma maneira geral, a maioria dos músicos se sente realizada como ser humano e é por meio desta realização que eles sentem prazer no trabalho.

#### ***4.2.2 Trabalho como um meio de sobrevivência***

Que o trabalho é um meio de sobrevivência, todos nós sabemos. Mas tem pessoas que só vêem o trabalho como um meio de se ganhar dinheiro e sobreviver. Mesmo assim, isso não os impede de sentir prazer no que fazem.

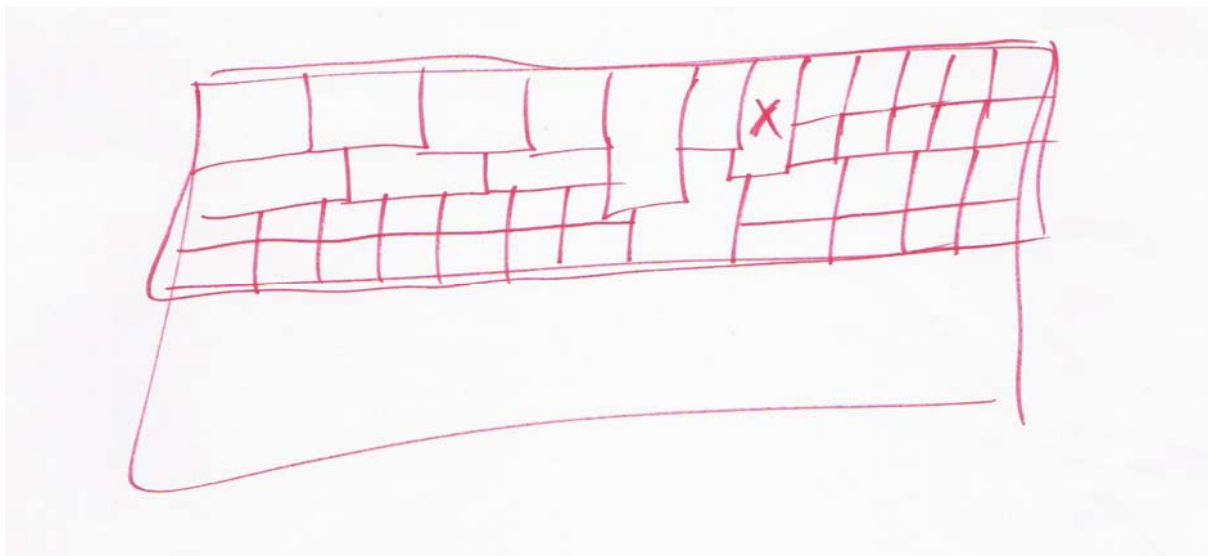
Curioso notar que um músico que toca fagote no Teatro Municipal e afirma ter prazer no trabalho, o vê como uma forma de “*gerar seu salário para você se manter.*” Para ele, trabalhar com música é:

*“O modo que eu escolhi de me manifestar. Que não é a palavra, que não é artes plásticas. Porque, o modo como eu consigo me expressar é tocando. Isso que me dá prazer. É o que me dá mais prazer. No trabalho escolhi algo que me desse prazer, e é tocando e produzindo um som que eu me realizo.”*

Ele enxerga o trabalho como uma atividade em que as pessoas ficam, única e exclusivamente, sujeitas a ordens. Ou seja, apesar de ter uma visão instrumental do trabalho na lógica da punição e recompensa, por trabalhar com música ele sente prazer, como ele afirmou. Talvez, se estivesse escolhido outra profissão, seria infeliz e insatisfeito com o que faz.

Como ilustra no seu desenho a seguir, ele se vê como uma parte de um quebra cabeça. Então, apesar de ter esta visão mecanicista da sociedade, a música lhe possibilita experimentar prazer, pois ela é a linguagem de seu sentimento. Por meio de seu contato com a emoção, ele sente prazer.





*FIGURA 3: Desenho do músico que toca fagote*

Assim descreveu:

*“Desenhei um quebra cabeça. Na realidade eu vou ser um desses quadrados aqui. Eu sou o que está com um X. O que eu desenhei é uma representação do trabalho em grupo. Um quebra cabeça. Que resulta num trabalho final que seria este retângulo. E aqui dentro cada um tem uma posição. Uns com as posições adquiridas pela forma que ele vai compor ou pela maneira que ele vai se expressar, com menos ou mais importância. Mas, no final todos são importantes para fechar o retângulo. Uns são mais importantes e outros são menos, mas eu me vejo aqui no meio. Não sou o pior, mas não sou o melhor.”*

Outro entrevistado que corrobora com esta opinião, é um baixista que tem dificuldade de arranjar trabalhos. É uma pessoa que, de fato, tenta sobreviver com o dinheiro que a música lhe dá. Talvez seja por isso que afirmou:

*“Eu acho que o trabalho em geral é para você tirar a sua subsistência. Sobreviver, mais ao mesmo tempo tem que ser gratificante, para não ficar um fardo. Trabalho é o ganha-pão. Como eu faço o que eu gosto, às vezes, é difícil ter noção de trabalho.”*

Ele afirmou que se sente escravizado pelo que faz, pois não consegue fazer outra coisa. Ele vê a música como uma espécie de droga que domina o seu corpo, o seu pensar e agir. O seu prazer está relacionado com a emoção que sente em compor músicas. *“Quando eu consigo fazer uma música inteira é uma auto realização”*. E seu desenho expressa isso.



**FIGURA 4:** *Desenho do compositor que toca baixo*

Ele afirmou: *“Eu me vejo assim, sorrindo no trabalho”*.

Então, apesar de parecer contraditória sua visão sobre o trabalho, ele sente prazer e se diz feliz com o que faz. De fato, encontrar prazer no trabalho visto como um meio de sobrevivência foi uma surpresa, pois, em geral, as pessoas não associam prazer como uma forma de sobreviver. Mas, talvez por encontrarem dificuldade em se sustentarem, e conseguirem fazê-lo com a música, elas sentem prazer nisso. Ou, neste caso específico de músicos, essa visão fica um

pouco distorcida, pois a música, como eles mesmo falaram, proporciona um momento em que eles estão em contato com eles mesmos, por meio de sua expressão emocional. Então, o prazer está mais ligado à emoção de tocar do que ao dinheiro para poderem sobreviver.

#### ***4.2.3 Trabalho como produção ou contribuição para a sociedade***

Como discutimos, o papel do trabalho é fundamental na construção do princípio de realidade. Só que este princípio deve originar a harmonia entre a satisfação individual e a universal. Muitas vezes isso não acontece. Mas, se a proposta de Marcuse (1968) estiver certa, o trabalho terá uma conotação de trabalho socialmente útil e, ao mesmo tempo, será transparente de satisfação de uma necessidade individual. É interessante notar que a maioria dos entrevistados se enquadraram nesta categoria.

Quando perguntados sobre o que pensam sobre e como eles vêem o trabalho, responderam que é uma forma do ser humano ser útil a sociedade, de servir ao outro. A harpista respondeu: *“Acho uma coisa super bacana. Porque você pode servir ao seu semelhante e você pode contribuir para uma sociedade, um país. Você se sente! Você se sente produzir, se senti útil.”*

Ela diz que o que lhe dá mais prazer é o momento de tocar no palco, justamente por causa da troca de energia com o público. Afirmou:

*“O palco é um lugar mágico por você está ali em contato com as pessoas, em contato direto. E me fascina essa coisa que música tem de entrar no inconsciente das pessoas, mesmo sem palavras ou muitas vezes*

*sem palavras, e você tirar o melhor delas. Eu acho bacana isso! Que na arte você tenta tirar, quando a arte é pura, o melhor das pessoas. Então, de repente você tem ali na platéia um cara que é bicheiro, um cara que é do mensalão, pessoas com vários tipos de caráter, e você de repente ali consegue que ele entre em contato com ele mesmo. Você vai tirar uma lágrima ou um sorriso. A música é a linguagem dos sentimentos. Então, eu acho assim, quando é ao vivo, você sente a energia do público, sente se o publico está gostando. Nós somos comunicadores! A gente está ali para emocionar as pessoas. Esse momento eu acho muito bacana”.*

Seu desenho expressa seus argumentos, dizendo que: “eu sou muito feliz fazendo o que faço!”

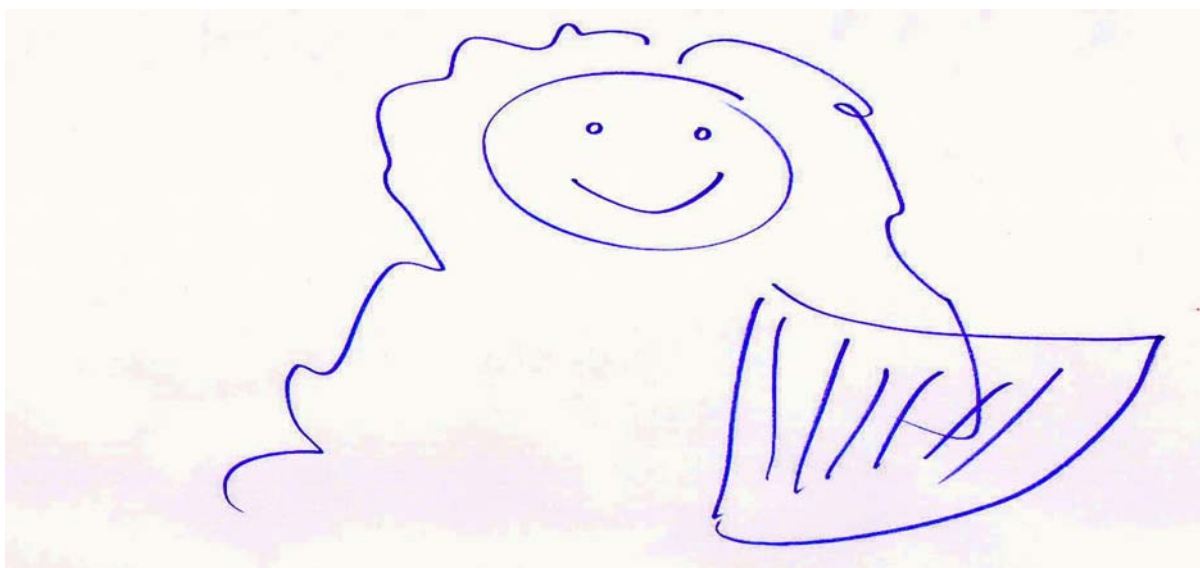


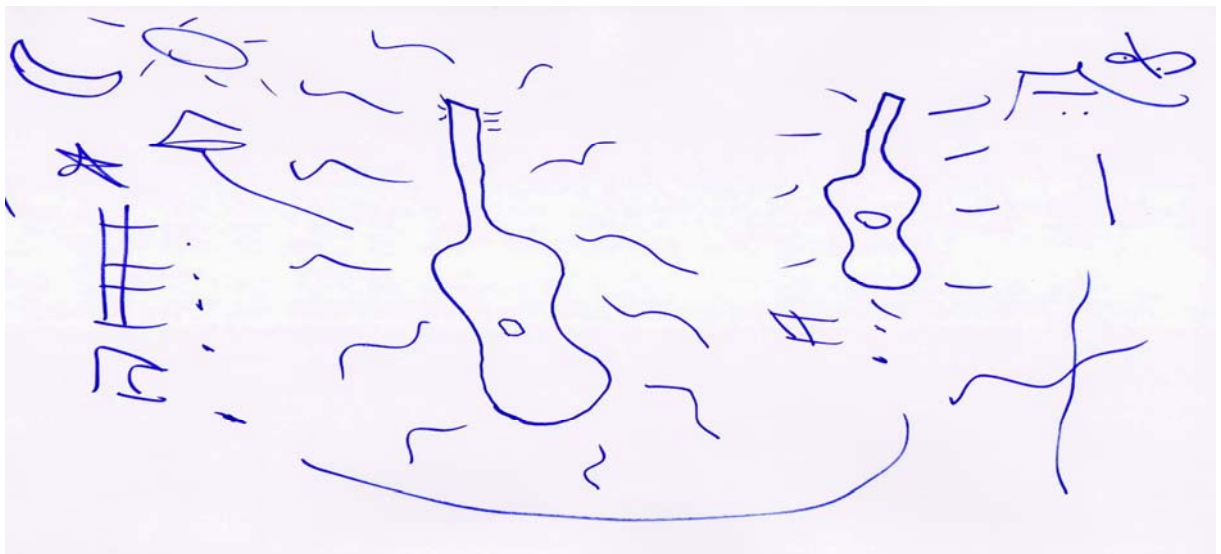
FIGURA 5: Desenho da harpista

O compositor que toca violão também vê o trabalho nesta linha de raciocínio. Assevera:

*“O trabalho significa uma contribuição. A partir de momento em que você trabalha, você tem uma função para a engrenagem da sociedade*

*funcionar. Por isso que eu acho que ele é importante. Porque funciona dentro de uma engrenagem. Todas as pessoas são importantes. Todos os trabalhadores são importantes para a sociedade. Eu acho que o trabalho tem uma conotação de contribuição mesmo. Mas, acho que tudo depende de como a gente encara as situações boas ou ruins”.*

Continua dizendo que o trabalho é um movimento interno de busca de uma energia para o bem e que se vê como um contribuinte. Isso lhe dá prazer. Em seu desenho, representou os sons de energia positiva de seu violão, entrando em contato com a natureza, simbolizando uma troca permanente.



**FIGURA 6:** *Desenho do compositor que toca violão*

Parte de sua descrição foi: *“O violão é um veículo de expressar sentimentos de muita festa, de muita coisa boa, divertida, engraçada, intensa, oculta. Desenhei isso (as estrelas, lua) representando a natureza. A relação do homem com a natureza”.*

A violinista, que é funcionária pública e professora em uma escola municipal, diz que o trabalho *“significa produção e produção para sociedade. Se eu faço um trabalho, no qual eu vejo que estou ajudando à sociedade e que estou sendo útil às pessoas, eu considero isso um trabalho.”*

Afirma que gosta do que faz, pois sempre sonhou em tocar numa orquestra, mas o que mais lhe dá prazer é quando ela percebe que conseguiu transmitir algo de bom a seus alunos. Ela se vê como um elo entre eles e a sociedade, levando esperança a cada um. *“Eu acho que não há mais nada gratificante que, além de você ter o seu trabalho honroso e honesto, você poder transmitir para outras pessoas como crescer na vida.”*

O contra baixista, que também é funcionário público, concorda com os demais entrevistados quando diz que *“o trabalho é o que a gente deixa para todo mundo, para vida, para o mundo.”* Contou que uma das coisas que lhe dá prazer em música é o reconhecimento do público, pois ele se sente muito recompensado quando percebe que conseguiu tocar alguém por meio da música ou quando o público consegue aprender alguma coisa com ele. Sente prazer pelo motivo de proporcionar prazer para as pessoas.

Portanto, parece que Marcuse (1968) acertou quando afirmou que a partir do momento que os indivíduos formam vínculos afetivos e consolidam as relações entre eles de uma forma positiva, experimentam o prazer por meio de sua subjetividade, pelo simples fato de poder colaborar com o outro. A música é um dos fios condutores que isso possa acontecer.

#### 4.2.4 Trabalho como um hobby, lazer

Nesta categoria, trabalho, lazer e prazer se confundem. Trabalhar com música para alguns entrevistados é um *hobby*. O compositor que toca violão disse: *“meu trabalho é muito próximo do prazer. A música, ou a arte em geral, atua no artista de uma forma que é quase impossível você não se expressar.”*

O trabalho para alguns dos entrevistados significa, simplesmente, fazer o que gosta. O percussionista afirmou:

*“Toda vez que eu trabalho eu sinto prazer nisso. Eu faço o que gosto e isso é uma coisa que não tem preço. Isso eu aprendi com o meu pai: ganhe um real, mas seja dono da sua cabeça. Então, a música me dá esta possibilidade de ser independente. Me dá a liberdade de ser como sou, independente dos formatos sociais”*

Seu desenhou expressa o seu sentimento.

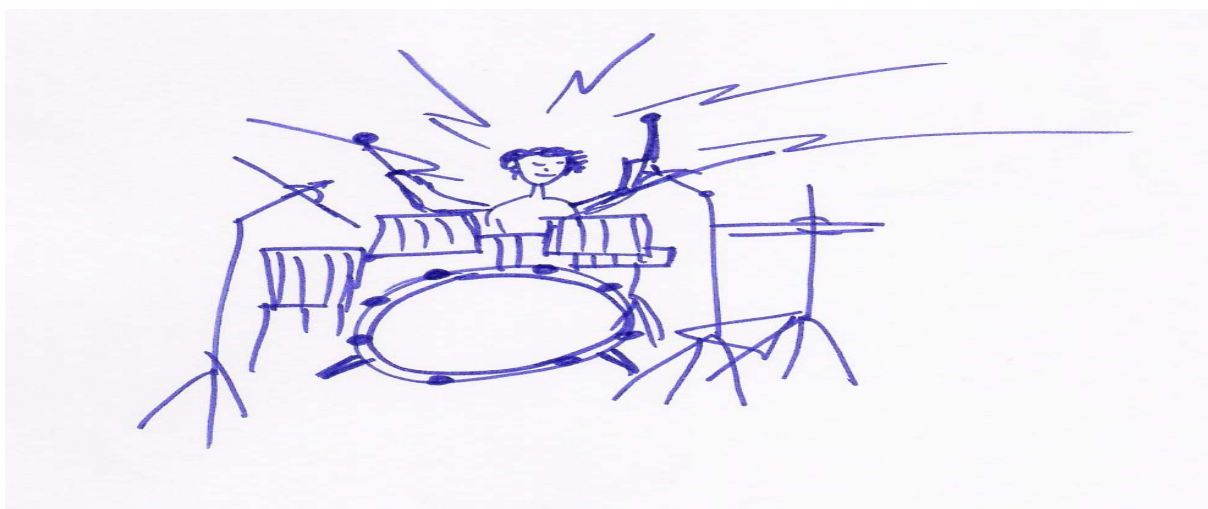


FIGURA 7: Desenho do segundo percussionista

E descreve que por meio da música irradia energia positiva.

*“Eu me vejo irradiando energia. É assim que eu me sinto. Na hora que eu toco, eu me sinto. Minha felicidade fica bem aparente quando eu toco. É um momento que eu curto muito. É o tempo todo a gente se olhando, participando. Então, eu me sinto assim, irradiando energia. Energia boa. O prazer de estar fazendo o que gosto. Você olha na minha cara tocando e vê o prazer que eu sinto. Jamais, você vai me ver tocando de saco cheio.”*

Outro depoimento interessante é de um violinista do Teatro Municipal que assevera:

*“Trabalho significa uma coisa que é fundamental para o ser humano. Isso pode ser meio clichê, mas o ser humano não conseguiu achar uma outra forma. Então, a gente pode chamar trabalho de muitas coisas: trabalho intelectual, trabalho manual. Na minha visão pessoal, é muito difícil de responder isso porque o músico é uma das raras profissões que as pessoas trabalham e tem um hobby ao mesmo tempo. Por isso, acho muito complicado responder sobre trabalho para você. Mas problema todo mundo tem. Mas, eu me sinto um privilegiado por isso”.*

Ele contou que gosta de trabalhar com música porque a música é muito social. Une as pessoas. Marcuse (1968) afirmou que o impulso lúdico é um dos veículos para a emancipação do ser humano no trabalho. E estes entrevistados parecem que brincam, divertem-se enquanto trabalham.



Eis a seguir, o desenho do violinista que diz que trabalha e tem um *hobby* ao mesmo tempo.



**FIGURA 8:** *Desenho do violinista*

Ele trabalha se sentindo no palco tocando, com luz, som e pessoas. Seu trabalho parece uma grande diversão. Encarar o trabalho como um *hobby* é uma forma pura de sentir prazer no trabalho. Parece óbvio e auto-explicativo que pessoas que encaram seus trabalhos como lazer, sentem prazer no que fazem.

#### **4.2.5 Trabalho como um desafio pessoal**

A última categoria encontrada nas entrevistas foi o trabalho como uma forma de desafio pessoal. Encontrar prazer em desafios não é uma novidade para os seres humanos, sempre querendo crescer e melhorar seus potenciais. Mihaly (1990) afirmou que o trabalho gera prazer no desempenho eficiente.

A harpista também sente prazer quando experimenta desafios. Pois para ela, trabalho *“significa um aperfeiçoamento. É uma meta de tentar alcançar o melhor possível de mim mesmo. Porque não adianta você estar num concerto e estar sendo super bem pago e todo mundo estar dizendo que foi ótimo, maravilhoso e perfeito, se você não estiver satisfeito com aquilo que você atingiu artisticamente.”*

O compositor corrobora este raciocínio dizendo:

*“Gosto de estar em busca de uma coisa que nunca vai ser alcançada. Um tipo de som que você vai procurando e nunca alcança. Mas essa busca é que é o bacana. É o que te faz criar, perseguir. Mas, não é uma perseguição aflitiva, é uma perseguição muito prazerosa.”*

Trabalho, para estas pessoas, é um movimento de vida que nunca se esgota. Isso fica claro no desenho do contra-baixista que é funcionário público. Diz ser uma árvore e, ao mesmo tempo, uma pessoa que está colhendo os seus frutos. Afirma que os frutos são os do seu trabalho e que isso é um movimento que nunca se esgota.

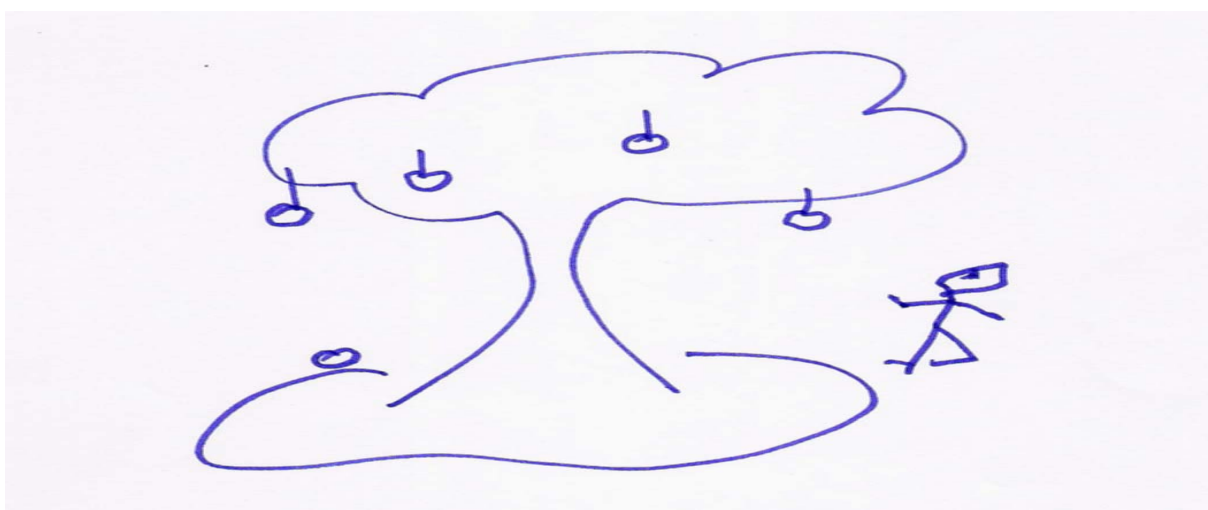


FIGURA 9: Desenho do contra baixista

Assevera:

*“Trabalho é uma coisa muito importante para mim. Eu acho que é um movimento de vida. É aonde você quer chegar. É uma coisa que te faz levantar todo dia cedo. Principalmente eu, que gosto do que faço, estou sempre muito motivado. Eu acho que as pessoas no trabalho devem sempre procurar coisas novas. Procurar novos caminhos. A gente tem que procurar desafios, que são prazerosos de serem feitos. Então, trabalho para mim é isso, você tentar alcançar um ideal e persegui-lo sempre.”*

A violinista professora da Orquestra Sinfônica Nacional, expressa este sentimento de desafio em seu desenho, quando esclarece que trabalho é como se fosse o crescimento de uma borboleta. Ela se vê sentindo prazer com os desafios que a vida sempre lhe impôs.

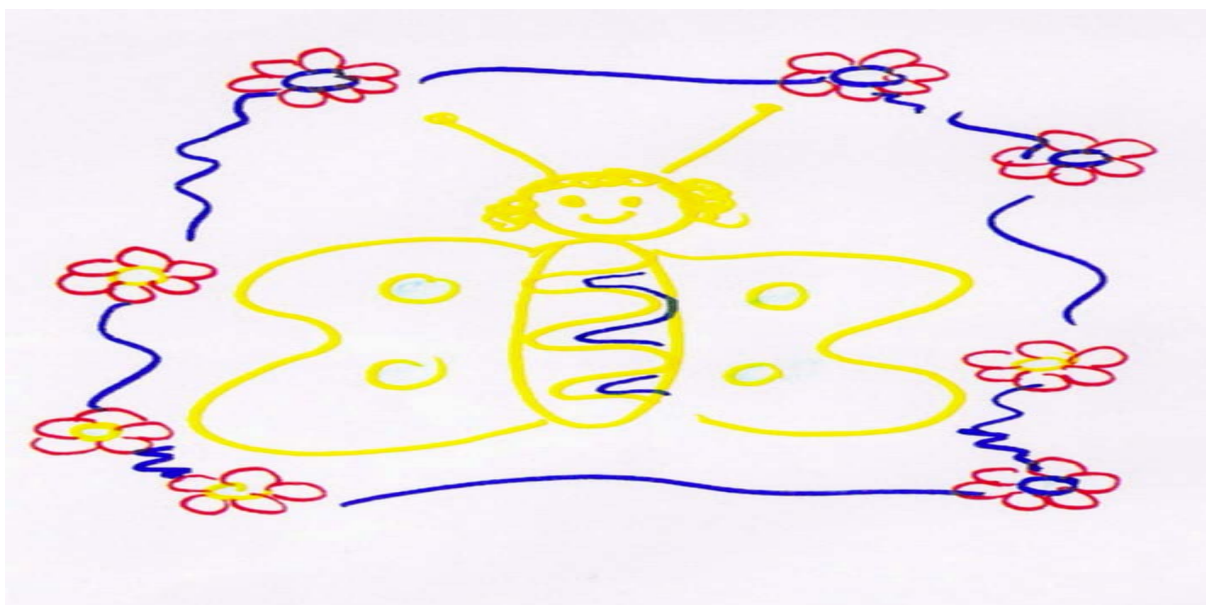


FIGURA 10: Desenho da violinista

Descreve:

*“Desenhei uma borboleta. O significado da borboleta tem tudo a ver com o desafio. A borboleta tem que sair do casulo. Então, se você ajudar a borboleta, ela vai ficar fraca e vai morrer. Então, ela tem que crescer. Ela mesma tem que saber as dificuldades que ela tem que superar, para ela se formar e voar. Então, se você tem dificuldades na profissão, que são muitas dificuldades, tem que procurar vencer as dificuldades para poder ser feliz. Então, eu desenhei a borboleta. Mas a pessoa tem que querer e tem que ter perseverança.”*

É desta forma que certas pessoas sentem prazer no trabalho também: encarando como um desafio diário nas suas tarefas.

#### **4.3 O QUE OS POLICIAIS MILITARES INFORMARAM**

A Polícia Militar tem como atribuição os policiamentos preventivos e ostensivos, bem como a preservação da ordem pública. Tem forte presença pública de caráter institucional no país, cadeia de comando bem definida e normas internas claras. A atribuição fundamental desta instituição é a de proteger o cidadão, promover a paz social e aumentar a sensação de segurança entre os cidadãos.

Os policiais militares do Rio de Janeiro, em geral, não são valorizados pela sociedade. É comum escutar pessoas recriminando a polícia, ou ler uma matéria de jornal recriminando suas ações. Mas, foi interessante constatar ao longo de todas as entrevistas que os policiais, apesar

de serem conscientes deste fato, apesar de se sentirem massacrados pelo próprio cliente, a sociedade, sentem um prazer enorme pelo simples fato de serem policiais.

Alguns dos entrevistados contaram que quando colocam a farda, eles mudam. Acreditam que com isso, eles contribuem para melhorar a sociedade. O símbolo de ser policial já é um motivo de prazer, seja por causa de poder, de servir à sociedade ou de tentar promover a paz.

#### **4.3.1 Trabalho como a realização do ser humano**

O trabalho é visto por todos os entrevistados como uma necessidade humana. Eles vêem o trabalho como a mesma necessidade que o homem tem de se alimentar e de respirar. Porque, para eles, sem o trabalho, o homem perde umas das coisas essenciais na vida dele, que é a dignidade.

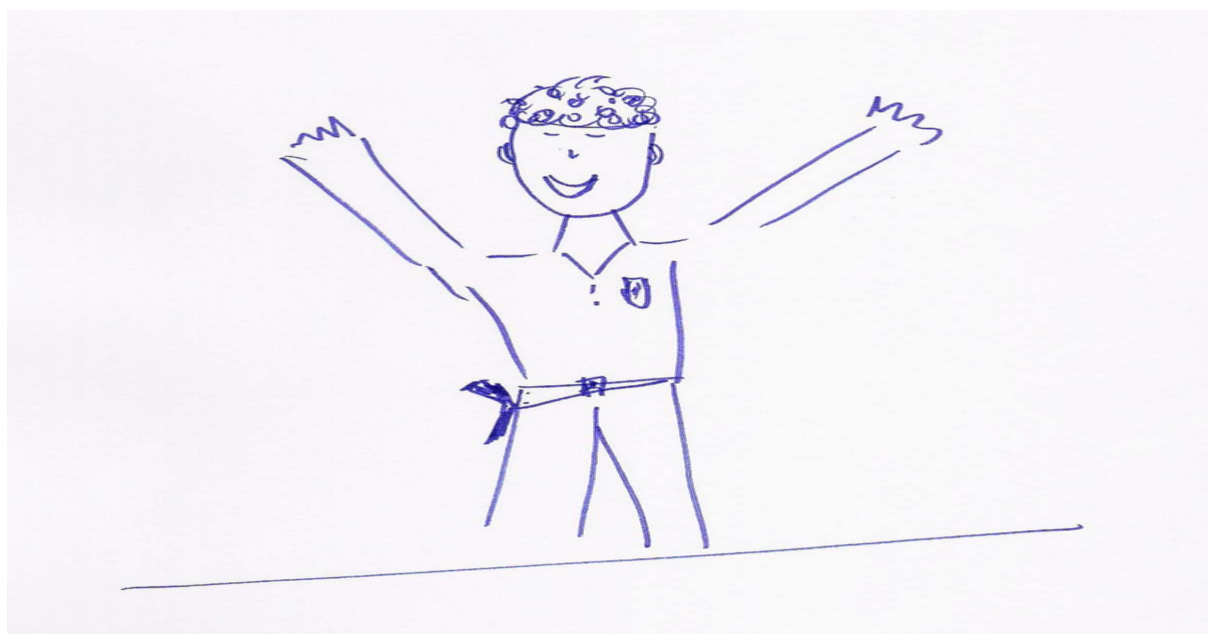
Segundo o Major que tem 20 anos de Polícia Militar e que trabalhou 18 anos de sua vida na rua, em operação, *“uma pessoa que não trabalha perde a dignidade, e isso é fundamental na vida do ser humano”*. Este Major, que também é dentista, diz que trabalhar é um vício, e afirma que *“o trabalho é aquilo que eu gosto de fazer diariamente. Me sinto bem fazendo. Eu sinto prazer nisso.”* Por isso, ele também se enquadrrou na categoria de trabalho como um desafio pessoal, que mostraremos em seguida.

Os dois PMs músicos também vêem o trabalho como a realização do ser humano na natureza quando falaram que o trabalho enobrece o homem. Ambos sabem que é por meio dele que

eles se sustentam, mas não o vêem como apenas o sustento, e sim como uma forma de aprendizado.

Os policiais militares que são músicos, entram na PM por concurso público específico para sua área. Mas, isso não quer dizer que eles só trabalhem com seus instrumentos musicais. Em todas as ocasiões especiais eles trabalham em operação, ou seja, no carnaval, nas eleições e durante a noite de ano novo.

Um deles contou que gosta de sair para rua para trabalhar, mas o outro disse que é uma situação estranha, pois seu instrumento de trabalho não é a arma. Sua arma é a flauta, e não um revólver, uma pistola. O que é saxofonista, disse que gosta de trabalhar em operação porque gosta de servir ao próximo, de defender a vida de uma pessoa. Mas, nunca teve que atirar ou se colocar em situações de confronto. Seu desenho expressa um prazer, que está relacionada mais ao fato dele ser policial do que ser um músico. Vejamos:



*FIGURA 11: Desenho do Sargento músico que toca saxofone*

Explica: *“Eu alegre, satisfeito, realizado. Feliz!”*

O outro PM músico que toca flauta continuou falando do trabalho, e assevera:

*“Eu tenho uma formação que me permite ver o trabalho como uma consequência da ação humana. Então, o trabalho é aquilo que a gente faz, vê o resultado e que trás uma certa realização para gente. Essa é a visão que tenho sobre o trabalho. A minha visão com relação ao trabalho não é negativa. É uma visão positiva, porque eu entendo que quando estou estudando, que quando estou produzindo, que quando estou trabalhando com música ou até mesmo fazendo algum trabalho intelectual, eu tenho uma certa satisfação.”*

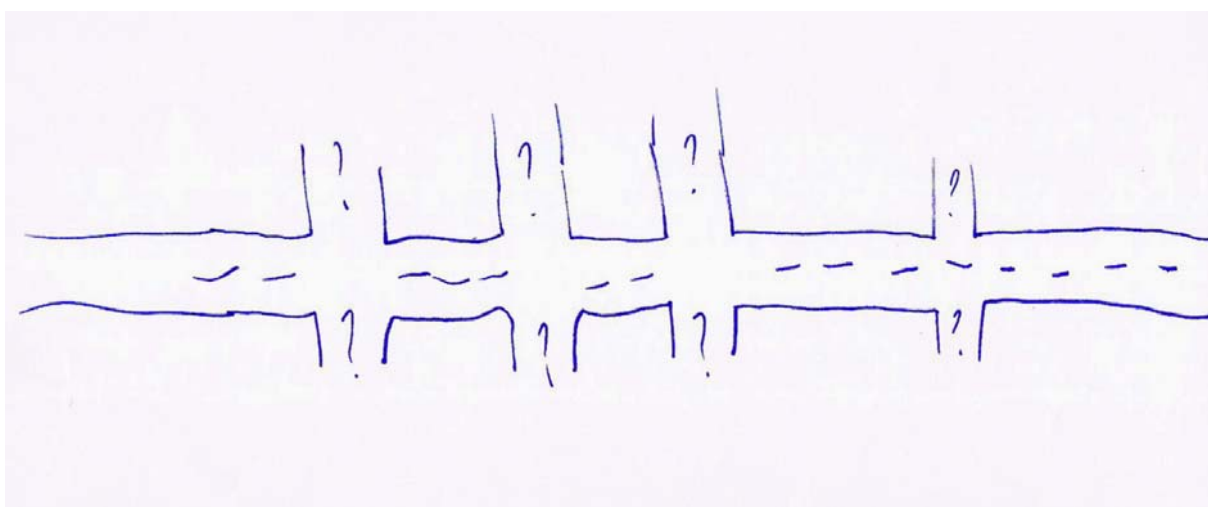
Este PM se vê mais como músico do que propriamente como em policial. Vê o trabalho por meio da ação das pessoas, pois afirma que *“toda a ação que o homem faz e transforma o seu ambiente, transforma o mundo, é trabalho. E tocar, no meu caso, é a ação que me faz sentir isso.”*

Ele sente prazer no trabalho porque:

*“meu trabalho com a música me possibilitou abrir um leque para outras áreas. Me trás um certo tempo para eu me dedicar a leituras e ter acesso à cultura. E o trabalho me possibilitou isso. Diga-se de passagem que eu venho de uma classe bem desprivilegiada. É raro você ver um flautista na própria comunidade onde fui criado. E é essa a satisfação que o*

*trabalho me dá. Gosto de fazer música. A minha arma é a minha flauta. Foi através dela que eu consegui vencer a tentação de me ceder à violência.”*

A construção de seu desenho deixa isso aparente, quando diz que o trabalho é uma estrada cheia de oportunidades.



*FIGURA 12: Desenho do Sargento músico que toca flauta*

Descreve:

*“Eu vejo meu trabalho como um leque de oportunidades para que eu possa desenvolver as mais variadas potencialidades. Claro que sempre voltadas para área artística, como escrever, ler... Eu desenhei esta estrada e ela é o meu trabalho. Que pode mudar. Hoje sou policial e amanhã posso ser professor, ou qualquer coisa, desde que não me traga desonra. E essas encruzilhadas que estão aí, são as oportunidades que surgem. E a minha caminhada é a construção de um ideal. Então, é dessa maneira que eu me vejo no trabalho. Sempre como uma possibilidade. O*



*meu trabalho, de uma certa forma, me trás uma perspectiva de crescimento”.*

Outro depoimento interessante, é o de um policial militar da reserva, aposentado. Trabalhou 17 anos na PM, já foi do BOPE e diz que resolveu fazer a prova para reserva, pois *“estava escravo de um discurso que eu tinha de que a polícia ia melhorar, que nós tínhamos força para mudar. Chegou a um ponto que eu vi que as pessoas não estavam mobilizadas para mudar.”* Por descrença, saiu e se aposentou da PM, mesmo falando que quando trabalhou no BOPE sentia prazer pois existia cumplicidade, confiança e comprometimento de sua equipe. Ou seja, o prazer para ele está relacionado com a formação de vínculos afetivos duradouros.

O trabalho para ele representa:

*“Aquilo que provê a sua existência ou do seu grupo familiar ou dos seus dependentes. Mas também, eu vejo como um complemento da sua existência. Por exemplo, eu me sinto bem em sair de casa e ir para um trabalho que eu acredito. Eu me sinto bem, isso me dá prazer. Escrever alguma coisa em relação ao meu trabalho, produzir. Ser responsável por este produto me satisfaz. Eu me sinto bem com isso. Então, quando eu termino um projeto e apresento um projeto, isso me dá uma satisfação de completude. Me dá uma prazer de ver o resultado daquilo. Uma coisa que começou numa idéia e se materializou num documento e deu resultado. Quando isso acontece, você se sente completo. É realmente uma maneira plena do exercício da minha atividade, da minha vontade,*

*do meu ser, me ajuda como indivíduo dentro de uma sociedade, a ter uma satisfação de dever cumprido. Eu gosto de me sentir produtivo.”*

Trabalhar é se realizar com o ser humano. Para pessoas que tem esta visão de trabalho, a construção do trabalho se confunde com o desenvolvimento de seu ser. Elas afirmam que o trabalho dá a condição delas se desenvolverem, de produzirem alguma coisa para alguém. Este PM da reserva expressa com clareza este sentimento, quando diz que o “*trabalho representa uma parte da minha função vital. Dentro de uma perspectiva reducionista que os seres vivos nascem, crescem, reproduzem e morrem. Eu acho que a gente trabalha, cresce ou cresce e trabalha. Ou acho que até o trabalho vem antes do crescimento.*”

A noção de prazer, realização do ser humano e o ato de trabalhar, para estas pessoas, está relacionada com o aprendizado. Eles afirmam que por meio do trabalho aprendem e que isso não tem preço. Apesar de serem e se sentirem mal remunerados, isso não os afeta em experimentar prazer, pois o prazer está muito acima de sua má remuneração. O prazer está relacionado com o aprendizado deles como seres humanos. O desenho deste PM da reserva expressa esse movimento do aprendizado.



FIGURA 13: Desenho do PM da reserva

Sua explicação: *“Eu estou voltando para a caverna. Por causa do mito da caverna de Platão. Quando eu saí da polícia, saí da caverna. E aí, eu vi que aqui fora tem coisas totalmente diferentes. Eu me vejo hoje com tamanho conhecimento, que está me impulsionando a voltar e mostrar isso tudo. Eu me obriguei a estudar e buscar o conhecimento. Eu me vejo na obrigação de transmitir isso. Só acho que cometi um erro. O erro que me fez sair da PM. É o erro da falta de outras pessoas mobilizadas, com esse conhecimento, retornarem e transmitir isso. Pois, na verdade, eu era um caso isolado de alguém que estava incomodando as pessoas, os meus pares, até um ponto que eles conseguiram me tirar do processo. Então, eu me vejo no mito da caverna. Da polícia eu ainda não consegui retornar á caverna. Quer dizer, mais ou menos, pois dou aula na Academia da Polícia Militar. Então, é uma maneira de retornar para caverna. Aliás, eu me vejo em um processo contínuo de sair e entrar na caverna. O trabalho é isso: sair e entrar na caverna sempre!”*.

A maioria dos policiais militares sentem prazer no trabalho por meio da realização. Apesar de saberem que vivem entre a vida e morte, eles não se importam com isso. Sua noção de vida e de morte é diferente das pessoas que não vivem em atividades policiais de confronto direto. Seus prazeres ou sofrimentos no trabalho não derivam de viverem entre a vida e a morte, e sim de relações com as pessoas, no caso de sofrimento, e de fazerem o bem, no caso de prazer.

Um tenente coronel que sempre trabalhou em operação afirma: *“Eu adoro a área operacional. Aqui na polícia, esse é o meu lugar. Atualmente eu faço um trabalho que é muito difícil, muito perigoso, muito desgastante. É um trabalho de negociação de conflitos. Eu sou negociador em situações de refém e eu adoro fazer isso. Porque me sinto bem em salvar uma vida. Olha, estar entre a vida e morte não me dá prazer, mas também não dá sofrimento. As*

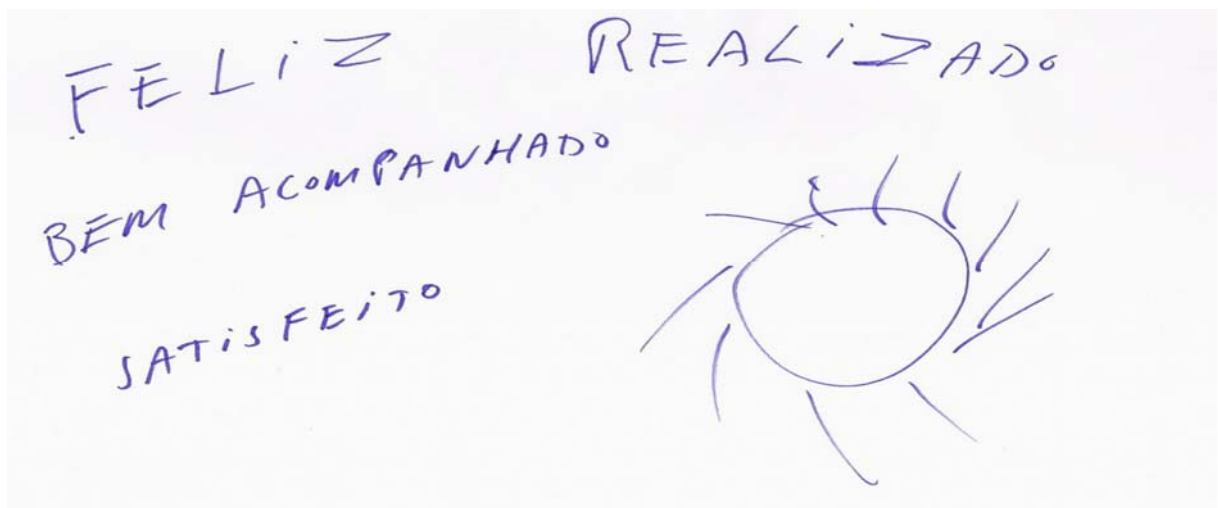
*As pessoas podem pensar quando a gente vê aqueles filmes de guerra, que você tem aquelas pessoas que nasceram para guerra, que gostam de viver na guerra. Não é que eu goste de viver na guerra, não é que eu goste de viver no mundo policial trocando tiro todo dia. Eu gosto de ser policial. Eu gosto da atividade policial. Eu gosto do dia-a-dia policial. Tem um risco, mas eu gosto da atividade. Você subir um morro e conseguir produzir alguma coisa te dá prazer. Ou, acabar com uma troca de tiros entre os marginais. Sinto prazer nessa ação. Não é em você viver entre a vida e a morte. Policial, tudo bem, a vida dele está entre a vida e a morte no Rio de Janeiro, mas isso não quer dizer que você fica o tempo todo voltado para aquilo. Eu gosto de viver da ação policial, mas não ficar entre a vida e a morte. Então, o policial que diz que não tem medo de subir o morro, é preocupante. Muito preocupante. Porque se envolvem riscos, ele tem que ter medo. Ele só tem é que aprender a controlar o medo. E para ele controlar este medo e ele tem que ter a capacidade de saber o seu nível profissional. E isso é como um bombeiro, que quando vai salvar a vida de alguém, a dele está em risco também. Então, você tem que ter o prazer de estar fazendo alguma coisa para alguém”.*

Para este Tenente Coronel, o trabalho faz parte da vida do homem. E afirma: *“isso é inerente ao homem desde os seus primórdios. Quando o homem saiu da árvore e foi para o chão, ele viu que tinha que construir uma casa, para ele ter proteção, abrigo, não só contra o próprio homem, mas também contra o tempo. Então, o trabalho faz parte da vida do homem.”* Ele acredita que as pessoas têm que trabalhar em atividades que realmente gostem de fazer. Em atividades que as pessoas possam se sentir bem com elas mesmas. Assevera:

*“Trabalho é um meio de vida, não é um meio de morte. Então, a gente tem que se sentir bem no trabalho. A gente tem que se realizar no*

*trabalho, se recompensar com o nosso trabalho. A gente tem que ser reconhecido pelo nosso trabalho. Isso tudo faz parte do homem. Porque o homem não é mais uma pedra, não é mais um macaco. O homem tem as suas vaidades. Tem as suas aspirações. Ele evoluiu e isso tudo faz parte da vida do homem.”*

A satisfação de estar produzindo, de estar convivendo e aprendendo com outras pessoas são fatos relacionados com a realização do ser humano por meio do trabalho, e que causam prazer nos entrevistados. O desenho deste Tenente Coronel expressa este sentimento.



*FIGURA 14: Desenho do Tenente Coronel*

Esclarece: “Me vejo no trabalho feliz, realizado, bem acompanhado, bem com meus companheiros e satisfeito. Desenhei um sol, que é a luz do mundo, que é a luz da vida”.

Como mencionamos no capítulo 2, o simples fato do trabalho ser a realização do ser humano dá prazer para as pessoas. Mesmo com a lógica do sistema capitalista, segundo a qual o trabalhador se transforma em mercadoria, vimos pelos depoimentos, que isso não interfere em

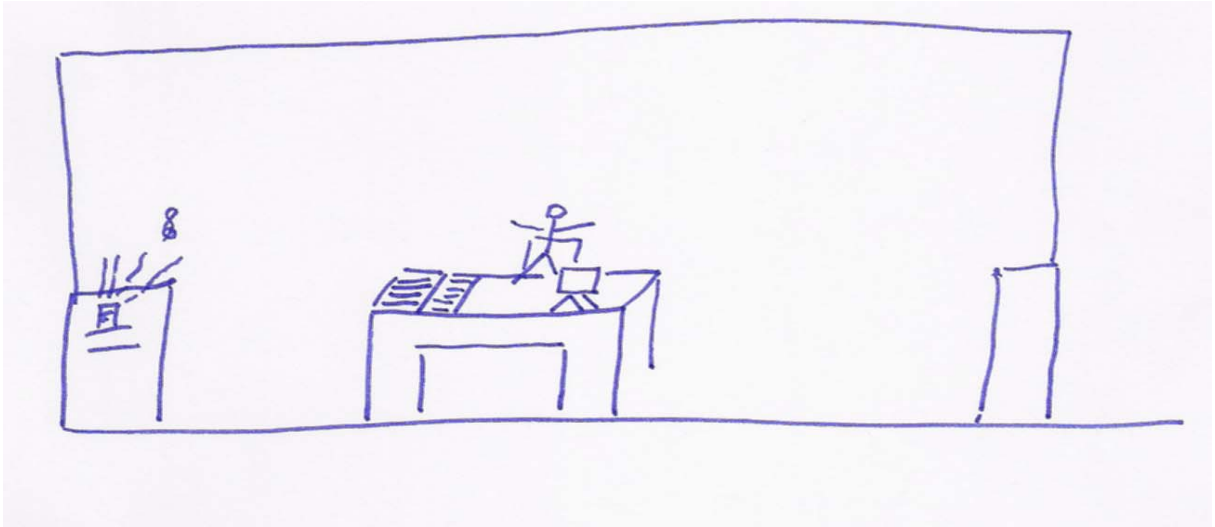
sua capacidade de experimentar prazer no que fazem. Para estes entrevistados, a realização do ser humano por meio do trabalho está acima da lógica do capital.

#### **4.3.2 Trabalho como meio de sobrevivência**

Só um policial militar vê o trabalho como um meio de sobrevivência. Foi um Sub Tenente que trabalha no Comando de Policiamento em Áreas Especiais. Para ele, trabalho é *“uma ocupação do ser humano e necessário para sobrevivência. Uma ocupação, onde o ser humano se desenvolve para poder tirar o seu sustento.”*

Mesmo assim, diz que sente prazer porque gosta de se sentir útil. Sua visão sobre o mundo é bem utilitarista. Ele é uma pessoa impregnada por uma visão militar, de punições e recompensas. Desde pequeno alimentou seu sonho de ser policial, e por este motivo trabalha com prazer. Afirma: *“sinto prazer desenvolvendo. Posso te dizer que eu trabalho com prazer. Sinto prazer me sentindo útil. Em saber que o trabalho que estou desenvolvendo, seja um trabalho de utilidade para todos e para mim também.”*

Seu desenho expressa sua atividade atual, mais ligada à área administrativa, de desenvolvimento e planejamento de operações especiais.



*FIGURA 15: Desenho do Sub Tenente*

Explica: “Me vejo sentado numa sala, com a porta sempre aberta. Ela está aberta para todos. E hoje eu me vejo assim. Hoje em dia só faço trabalho de rua esporadicamente”.

Talvez possamos afirmar que o trabalho como sobrevivência é o que dá menos prazer aos trabalhadores por ser uma visão reducionista e mecanicista da sociedade. Existem teorias, como vimos no capítulo 2 (MARX, 1982 e MARCUSE, 1968), que descrevem que esta visão é alienada, e por isso, não é possível a obtenção de prazer. Porém, seria um equívoco afirmar que este sub tenente não sente prazer por isso. Justamente por saber que a lógica do capital não poderá se apoderar do ser humano por completo (MARX, 1982), as pessoas que têm uma visão utilitarista da sociedade também podem sentir prazer, só que de maneiras diferentes, por meio de seus instrumentos internos mentais.

#### ***4.3.3 Trabalho como produção ou contribuição para sociedade***

O trabalho como contribuição para a sociedade é bem comum entre os policiais militares, pois sua missão se confunde com o seu trabalho. A missão da PMERJ é:

“Atender, de forma eficaz e definitiva, às demandas relativas à preservação da Ordem Pública, aumentando a sensação de segurança da população, satisfazendo as expectativas e necessidades da comunidade e criando com os cidadãos uma relação de confiança e respeito mútuo, em conformidade com os princípios éticos e legais.” ( [www.policiamilitar.rj.gov.br](http://www.policiamilitar.rj.gov.br))

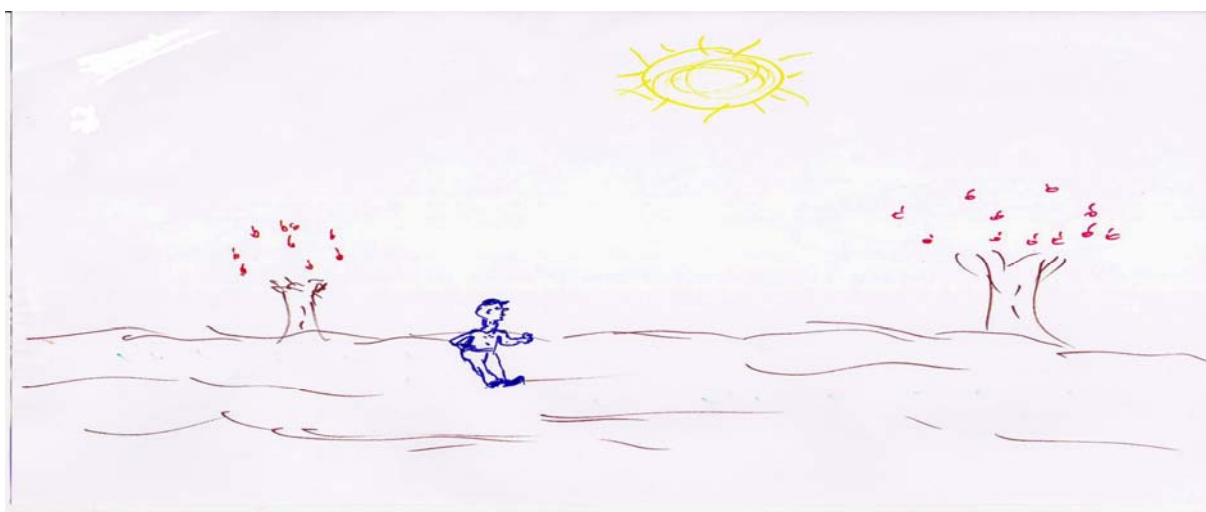
Sua missão deixa claro que eles vêem o trabalho como uma forma de contribuição. Segundo um diretor da PM, no trabalho:

*“quando você entra para uma profissão, seja o motivo que for, e começa a se apaixonar pelo que faz, em tese, você esquece do quanto ganha. Você não pensa no quanto ganha, você pensa no prazer que dá aquela profissão. É um prazer que você tem de produzir algo para alguém. Então, acho que trabalhar é você estar produzindo algo para alguém, sendo útil em alguma coisa, porque senão a vida não tem sentido. O trabalho é uma realização. Cada dia que eu produzo algo, eu me sinto extremamente realizado. Sei que preciso de dinheiro. Mas isso não é tudo. Mas, eu acho que o trabalho é essencial para o ser humano.”*



Quando as pessoas produzem algo para um público, seja ele interno ou externo, o prazer surge como resultado. Este diretor afirma que *“quando você consegue passar uma experiência a um policial ou quando você consegue fazer com que um policial esteja satisfeito, eu sinto prazer nisso. Prover segurança, prover sensação de segurança, satisfação do cliente e poder interferir na sua qualidade de vida é a principal função da policia. E isso é muito prazeroso, muito gratificante.”*

Então, pela própria missão corporativa e razão de ser do policial, ele experimenta prazer e sofrimento ao longo de sua rotina diária. O desenho a seguir, do diretor da PM, expressa a continuidade da vida. Expressa, justamente, o movimento de busca de ideais, experimentando sempre prazer e sofrimento ao longo de nossas vidas.



**FIGURA 16:** *Desenho do diretor da PM*

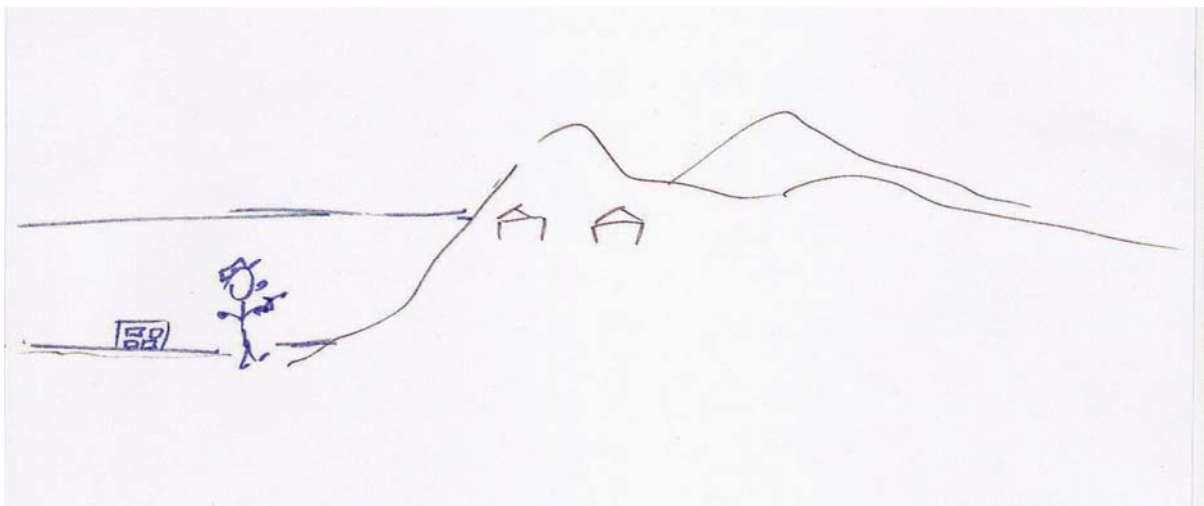
Descreve: *“Eu acho o seguinte. A gente sempre caminha no caminho da luz. Por isso, eu coloquei o sol um pouco mais para cá. O nosso caminho é infinito. Então, a minha profissão, eu me coloquei a caminho do meu ideal. E aí, entra a máximo do meu pai. Que o nosso ideal seria aquela sombra protetora. Até eu vou colocar mais uma arvore aqui, menor. Meu pai me dizia uma frase quando eu era garoto. Eu já passei por muitas etapas na policia. Só falta a*

*ultima etapa. É a minha ultima sombra a cumprir. Meu pai falava assim: meu filho o sol nasceu para todos. Então, consiga o seu lugar a sombra. A minha carreira está chegando ao final, independente de ser ou não ser o que eu sonhei em ser. Mas, eu vou atingir a minha sombra. O meu lugar à sombra vai ser atingindo, independentemente do meu ideal ou não. Porque, ao terminar a minha carreira, quer eu seja comandante da policia ou não, eu tenho fé em Deus e em mim. Então, vou terminar a minha carreira com condições de ter sido o comandante geral, com uma carreira limpa, de honestidade e de ter produzido alguma coisa. Eu vou chegar lá. Vou chegar”.*

Um major, que já foi do exército, e o primeiro tenente também sentem prazer fazendo o que fazem. Este major afirma que *“o trabalho é uma atividade que temos que fazer para tentar sobreviver. Mas não é só isso. A gente gosta de fazer um trabalho que seja bom, que seja útil para as pessoas.”* Explicou que gosta de trabalhar como policial militar porque é algo que tem a ver com ele, justamente pelo fato de poder contribuir, de alguma maneira, para a situação do Rio de Janeiro melhorar. Já o primeiro tenente se explicou dizendo que ser útil, proteger a sociedade, defender o bem, manter a paz social, lhe dá prazer. Afirmou:

*“Trabalhar me dá bastante satisfação e bastante prazer. Você poder atuar em prol dos outros e ter a oportunidade de resolver e solucionar problemas, me dá prazer isso. E o que eu mais gosto é quando estou em operação, na rua, porque gosto de ajudar as pessoas. Já passei por algumas situações difíceis, mas isso é só no momento.”*

Em seu desenho a seguir, ele se vê em uma situação de conflito entre a sociedade e os bandidos, tendo que proteger e ajudar as pessoas.



*FIGURA 17: Desenho do major que já foi do exercito*

Esclarece:

*“Vou desenhar eu aqui, de bonezinho, com uma arma na mão, é claro. Na Polícia, hoje no Rio, tem que andar armado. Vou me desenhar nas favelas que não são poucas, porque trabalho lá. Uns barracos. Vou desenhar uma praia aqui atrás, porque a gente vê muita favela na zona sul com a praia ao lado. Meu trabalho é esse. Subir favela. Atacar lá, defender aqui. Defender aqui e atacar lá. Eu me vejo assim no trabalho. Bem dividido, no meio dos dois”.*

Portanto, as pessoas que descrevemos, se encaixam na visão dejouriana de trabalho, apresentada no referencial teórico, na qual o próprio trabalho é um campo em potencial para jogar com a tensão e sofrimento da vida, transformando-os em criações socialmente úteis.

#### 4.3.4 Trabalho como um hobby, lazer

Não houve nenhum policial militar entrevistado que tenha percebido o trabalho como um *hobby*.

#### 4.3.5 Trabalho como desafio pessoal

O simples fato do homem encarar o desafio e realizá-lo, dá prazer para a maioria das pessoas. De acordo com Mihaly (1990), nos momentos em que nos dispomos a realizar um desafio, nos concentramos de uma tal maneira, que experimentamos o chamado *flow*. Estes momentos são muitos prazerosos para as pessoas que os realizam.

O Major que é dentista afirma: “*Eu posso parecer maluco, mas eu gosto das dificuldades. Dos desafios. É isso, eu gosto dos desafios. Eu gosto de ser constantemente desafiado. Porque isso me faz bem.*” Seu desenho é bem interessante, pois expressa uma situação de eterno conflito. Ele diz que ser policial militar é lidar todos os dias com o bem e com o mal dentro de você mesmo. É ser desafiado constantemente por isso.



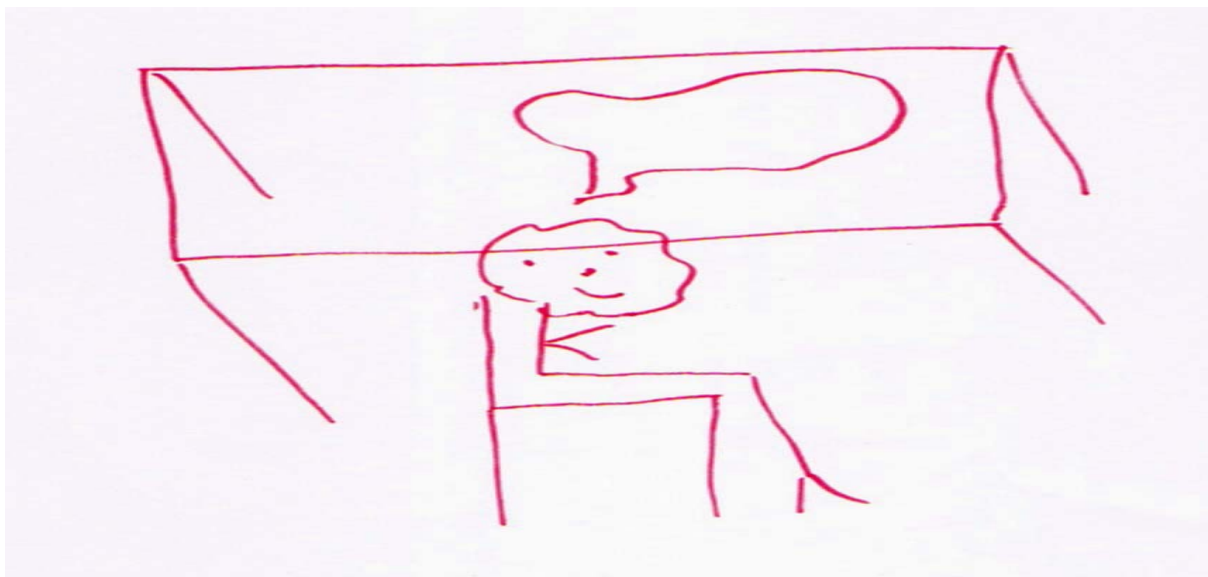
FIGURA 18: Desenho do Major que é dentista

Explica: *“Sou eu, um PM. Aqui eu estou com o livro em uma mão e com uma arma na outra. Sendo, graças a Deus, olhado por um anjo bom. Mas sendo sempre vigiado e, às vezes, atormentado pelo um anjo mal. Este anjo bom representa tudo de bom que eu gosto de fazer, que eu gosto de trabalhar. O diabo representa quando sou agredido interna e externamente ou alguma atitude que por ventura a gente possa vir a tomar. A policia ela trabalha aqui, nesta fronteira. Então, você escorregar para cá (pro diabo) pode acontecer. Às vezes acontece. Você às vezes consegue pegar um cara estuprando uma mulher ou estuprando uma criança. Você acha que o policial vai chegar e falar, o senhor está preso, e algemá-lo corretamente e levá-lo a delegacia? É complicado isso. Então, a gente tem que tomar cuidado para que esse diabo aqui não nos domine”.*

Já o Capitão, que é chefe de operações especiais, diz que o *“trabalho é importante para o homem tirar a sua subsistência, se tornar produtivo para a sociedade e também para ele conquistar degraus. Porque ele começa a trabalhar e ele vai, até para uma satisfação pessoal, tentando ascender neste trabalho, seja lá qual for, mas sempre procurando melhorar. Eu acho que o trabalho é isso. É uma necessidade e ao mesmo tempo ele complementa o ser humano.”*

Sua razão de gostar de trabalhar como um policial é porque acredita ser um desafio *“planejar, pensar, buscar soluções e mudar sua rotina.”* Ele pensa que há sempre alguma coisa nova a ser feita, e que isso é o seu desafio constante. Seu maior prazer no trabalho é quando consegue *“cumprir bem uma missão, mesmo que ela não seja reconhecida pelas outras pessoas. Mas quando você para e pensa. Eu fiz bem aquele trabalho, isso me dá prazer. Eu me sinto recompensado por ter realizado um desafio.”*

Seu desenho a seguir mostra esta relação de movimento e estar sempre pensando em soluções novas para os problemas do dia-a-dia.



*FIGURA 19: Desenho do Capitão, chefe de operação*

Descreve: *“Estou pensando, sempre buscando soluções, nunca acomodado”.*

Mihaly (1990) afirma que em alguns momentos da vida, sentimos o controle dos nossos atos, como mestres de nosso destino e que, nas poucas ocasiões que isso acontece, sentimos um profundo sentimento de alegria, contentamento e jovialidade, que é guardado na memória como um marco de como a vida deveria ser. Esses momentos são difíceis, de desafios, mas muito prazerosos para os seres humanos, como foi possível observar em alguns dos entrevistados.

#### **4.4 COMPARAÇÃO ENTRE MÚSICOS E POLICIAIS MILITARES**

Aparentemente, músicos e policiais militares têm trabalhos totalmente diferentes. E, de fato, se olharmos para sua rotina diária, não há o que se discutir, são diferentes mesmo. Mas, o interessante foi constatar que ambos sentem prazer no trabalho pelos mesmos motivos.

O prazer no trabalho do policial militar está muito ligado ao fato de trabalhar para o bem de um público, e conseguir, de uma maneira ou de outra, promover a paz, aumentar a sensação de segurança e poder mudar a qualidade de vida das pessoas. Este prazer é, na essência, o mesmo dos músicos quando afirmaram que gostam de tocar as pessoas por meio da música, quando eles conseguem fazer com que a pessoa entre em contato consigo mesma.

Por motivos e maneiras diferentes, estas duas profissões conseguem influenciar na vida dos cidadãos. Um, por trabalhar com ações de segurança física, e o outro por trabalhar com a emoção e a energia que a música transporta.

Constatamos a similaridade das repostas entre uma profissão e outra a respeito da sua visão de trabalho. Todos vêem o trabalho como: uma forma de realização do homem perante a natureza; uma forma de contribuição para sociedade; um meio de sobrevivência; *hobby* e um desafio pessoal a ser realizado. É por meio destas percepções de trabalho que derivam os seus prazeres ou sofrimentos no trabalho.

A quase uniformidade de pensamentos de pessoas completamente diferentes foi um fato. Tanto os policiais quanto os músicos, de uma forma geral, vêem o trabalho por um lado positivo. E não como um fardo. Eles acreditam que problemas todas as profissões têm e que

isso é uma coisa normal. O contra-baixista expressa o sentimento das análises de ambos os lados quando diz: *“O meu trabalho é a minha vida. É o que me faz ir adiante.”*

Outro ponto interessante, foi constatar um diretor da Polícia Militar se vê como artista. No caso do músico é óbvio, mas no caso do policial militar, não. Ele se vê como artista por dois motivos. Primeiro, porque acredita que sobreviver no Rio de Janeiro sendo policial é muito difícil. Muitos de seus colegas morrem em operação nas ruas, isso é muito comum. Então, diz que lidar com isso todos os dias é uma arte.

O segundo motivo, é pela dificuldade de ser reconhecido pela sociedade, que é um dos fatores que mais lhe causa sofrimento. O depoimento deste diretor da PM expressa com clareza este desafio, quando lhe perguntado se o trabalho lhe causa algum tipo de sofrimento:

*“Eu trabalho numa profissão, onde o cliente trabalha contra o fornecedor. Isso é minha primeira angústia. Porque primeiro, a sociedade, que é meu cliente, não gosta da polícia. Ninguém gosta de ser reprimido. As pessoas, de uma forma geral, não gostam de cumprir as normas, as regras. As regras foram feitas para os outros. A gente sempre percebe que o outro é objeto da norma repressiva, não eu, não ele. E nós trabalhamos em cima disso daí. A maior demanda da polícia é em função do seu cliente que se diz pessoa de bem. Por exemplo, eu não sei agora de cabeça a estatística, mas a nossa demanda no trânsito é imensa. O número de multas, de acidentes no trânsito é imenso, e que ocupa um tempo enorme da polícia é causado pelo nosso cliente. É o cara que não usa o cinto, é o cara que avança o sinal, é o cara que estaciona erradamente, que abusa da velocidade. Olha a demanda que isso provoca. Ele trabalha contra o próprio fornecedor dele. Porque se ele cumprisse as normas, nossa demanda no trânsito diminuiria bastante. E, quando ele se sente reprimido, ele ainda*



*busca uma oferta, para corromper o policial e pagar uma multa mais barata em dinheiro para o policial. Isso me angustia. Isso é um ponto. E o outro ponto é que nós temos uma demanda violentíssima no tráfico. E quem financia o tráfico? É o meu cliente. Que está lá usando. Isso eu não tenho a menor dúvida. Então, ele se acha melhor que a polícia e quer que a polícia seja melhor do que ele. Olha que angústia que me causa. Você quer que eu seja melhor do que você, mas você se acha maior do que eu. Porque todo mundo acha que o policial é bronco, é um grosso, é um ogro, digamos assim. Mas, ele quer que este ogro seja melhor do que ele. E aí, eles vão e alimentam os que dão tiro no policial, eles financiam. Isso me causa angústia. E depois, ainda diz que não gosta da gente. E eu, tenho que dizer que gosto deles. Porque na verdade, se eu não gostasse, eu já teria saído desta profissão. E pior, uma coisa que me dá uma angustia tremenda. O meu cliente, no coletivo, a sociedade, ele quer que o policial seja melhor do que ele, tenha um comportamento melhor, mas esquece de um detalhe, o policial entra aqui com 21 anos. E ninguém forma a personalidade de ninguém acima dos 21 anos. Então, a maior parte do tempo, ele foi formado pelos nossos clientes. E ele quer que em meses ou em ano, eu transforme aquele cara, num cara puro. É como eu lhe entregasse um diabo e te dissesse assim, agora me devolve um anjo. É complicado. É complicado. Isso me causa uma angústia terrível, mas eu não desisto. Até porque eu sou fornecedor, mas também sou cliente. Então, eu tenho que lutar para que a polícia esteja cada vez melhor e lutar para que o meu cliente também mude este caminho. Isso é uma arte”.*

Portanto, quando ele afirma que ser policial é ser um artista, é porque ao trabalhar entre a vida e morte, com a insatisfação da sociedade e com as críticas da mídia, ele se sente especial por seguir acreditando e desempenhando seu papel em prol de um bem comum. Talvez, este sentimento de ser um artista se assemelhe à figura de um herói, que apesar dos pesares,

acredita e vive lutando para aumentar a qualidade de vida e sensação de segurança dos cidadãos.

Portanto, as formas de experimentar prazer foram similares nestas duas profissões; o que mudou foi o tipo de prazer que eles sentem. Na verdade, o que diferencia um de outro é o conteúdo de seus trabalhos, e não as formas de se expressarem e vivenciarem prazeres, angústias, medos, sofrimentos, ou seja, sentimentos em geral.

## ***Capítulo 5***

### ***CONCLUSÕES E SUGESTÕES***

Neste capítulo será efetuada a revisão do problema que motivou a atual pesquisa, do referencial teórico utilizado para sua abordagem e da metodologia empregada na investigação. As conclusões da pesquisa serão apresentadas, bem como identificadas suas limitações. Será também proposta uma nova agenda de estudos.

#### ***5.1 Conclusões***

A pesquisa realizada buscou responder à seguinte pergunta: O que pode causar prazer no trabalho? Para respondê-la, foram escolhidas duas categorias profissionais: músicos e policiais militares.

Efetuamos, em uma primeira etapa, uma revisão de teorias existentes sobre a natureza do trabalho, alienação, mecanismos de prazer e princípios psíquicos que regem os seres humanos.

Com o objetivo de identificar de que forma as pessoas sentem prazer no trabalho, adotamos um modelo de entrevistas semi-estruturado e a construção de desenhos para auxiliar nas respostas dadas nas entrevistas, por meio da imaginação do entrevistado.

As respostas do estudo foram agrupadas em categorias criadas por meio do discurso dos próprios entrevistados para serem analisadas e estão de acordo com o referencial teórico que deu suporte à investigação. São elas:

- Trabalho como a realização do ser humano
- Trabalho como meio de sobrevivência
- Trabalho como produção ou contribuição para a sociedade
- Trabalho como um *hobby*, lazer
- Trabalho como desafio pessoal

Como vimos no capítulo 2, o homem tem uma relação única e especial com o trabalho. É por meio dele que ele se realiza como ser humano e que se desenvolve e constrói o seu ser. Nas análises dos resultados das pesquisas, identificamos, em ambas profissões, esta realização como forma de sentir prazer no trabalho. Detectamos que para a maior parte dos entrevistados, o simples fato do trabalho ser o meio para a realização do ser humano é motivo de prazer em suas vidas. Entretanto, seria necessário aumentar o espectro da amostra para obter a confirmação deste tipo de prazer.

Lazer e trabalho, afirmou Engels (2002), era uma coisa só nos primórdios da humanidade. As atividades na transformação da natureza e na relação social eram harmoniosamente integradas. Prazer estava associado ao trabalho por este motivo. Com o surgimento da alienação inerente ao sistema capitalista de produção, os homens tiveram o potencial de se separarem de si mesmos e encarar o trabalho como um fardo, por um aspecto negativo.

Na análise das entrevistas, detectamos indícios que esta lógica alienante não se sobrepôs às emoções das pessoas. Parece que o capital não dominou o ser humano em sua totalidade. E que, apesar das dificuldades que as pessoas encontram nas suas rotinas diárias, elas experimentam prazer e sofrimento no trabalho. Por meio dos depoimentos, identificamos a naturalidade de sentir prazer e sofrimento no que fazem. Entretanto, seria prudente fazer esta pesquisa em áreas nas quais as pessoas não consigam se enxergar no produto final. Tanto policiais como músicos se vêem em seu trabalho final, ou seja, eles se enxergam em seu produto final. Talvez por isso todos os entrevistados tenham uma visão positiva sobre o trabalho, lhes permitindo experimentar prazer, mesmo quando só o vêem como uma forma de sobrevivência.

Outro ponto foi o fato de haver um retorno histórico entre trabalho e lazer. Isso ocorreu só com alguns músicos, talvez porque a música seja um *hobby* para a maioria das pessoas. Nenhum policial vê o trabalho como um lazer, talvez porque a sua atividade seja árdua, no sentido de ser difícil e perigoso trabalhar como policial nos dias de hoje no Rio de Janeiro.

No capítulo 3, vimos que o prazer é vivenciado quando experimentados sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho. Esta valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, e que é importante e significativo para a organização e a sociedade. A obtenção de prazer no processo de trabalho se materializa por meio da colaboração de vínculos afetivos no sentimento de ajudar ao seu semelhante.

Nas análises das entrevistas e desenhos, contribuir para o próximo, foi uma das formas mais citadas que possibilita sentir prazer no trabalho. Nesta forma, o princípio de prazer, segundo Marcuse (1968), consegue criar novas e duradouras relações de trabalho. Ele consegue se

reconciliar com o princípio de realidade. Justamente porque forma vínculos afetivos duradouros com o próximo. É possível admitir que qualquer pessoa que entenda seu trabalho desta maneira venha a sentir prazer no que faz.

Mihaly (1990) afirmou a importância do autoconhecimento interno e que isso determinaria nossa qualidade de vida. À medida que atingimos, mesmo que parcialmente, os nossos objetivos, sentimos prazer e satisfação, e à medida que nos distanciamos, acumulamos sentimentos como frustração e ressentimento. Ele também afirmou que em momentos que experimentamos o *flow* sentimos prazer.

Em nossa análise, relacionamos os momentos de *flow* com os momentos que enfrentamos desafios, pois quando isso acontece, nos concentramos muito para atingir determinado objetivo. Segundo os resultados da pesquisa, o desafio foi uma forma de os entrevistados obterem prazer no trabalho. Muitos encaram suas tarefas diárias como sendo desafiadoras. Tanto para os músicos que tem que se aperfeiçoar constantemente, como também para os policiais que lidam com a vida e a morte todos os dias.

Em síntese, o trabalho, que é a representação do princípio de realidade, pode constituir-se em um espaço de prazer a partir do momento que a subjetividade humana for resgatada e valorizada por cada indivíduo em sua jornada diária e rotineira de trabalho.

## ***5.2 Sugestões para uma nova agenda de pesquisa***

A pesquisa realizada não esgotou em si. A natureza do trabalho e seus desdobramentos é um constructo de complexa compreensão. Este estudo poderia ser aperfeiçoado mediante a

realização de dinâmicas de grupo com os mesmos participantes ou com uma amostra maior de pessoas. Nessas oportunidades poderiam ser captadas outras informações que pudessem ajudar a melhor compreender o fenômeno de sentir prazer no trabalho.

Outra sugestão seria realizar esta mesma pesquisa em outras áreas de atuação, como por exemplo, operários de uma fábrica, artesãos e carcereiros. Seria interessante comparar outros resultados, visando descobrir de que forma as pessoas têm prazer no trabalho. E também, fazer esta mesma pesquisa em outros estados brasileiros e quem sabe, com outras nacionalidades, para se conseguir captar o viés da cultura de cada país.

## ***BIBLIOGRAFIA***

ARENDT, Hanna. **A condição humana**. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BEIVIDAS, Waldir. **A construção da subjetividade: pulsões e paixões**. In: OLIVEIRA, A.C. e LANDOWSKI, Do inteligível ao sensível. São Paulo: EDUC, 1995, p. 169-179.

BERENBAUM, Howard. Varieties of joy-related pleasurable activities and feelings. **Cognition and Emotion**, 2002, 16 (4), 473-494.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BURRELL, Gibson. **A questão do prazer**. In: DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia Constant. **Gestão com Pessoas e Subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2001. (capítulo 7)

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Cláudio de Moura. **Prática de pesquisa social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.

CHANLAT, Jean François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1993.



COSTILLA, Lucio Oliver. **Balance y perspectivas del pensamiento latinoamericano.** México: Asociación Latinoamericana de Sociologia, 1996.

CODO, Wanderley. **O que é alienação.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística.** São Paulo: Summus Editorial, 1998.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social.** 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** 5. ed. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1985.

DORIA, Francisco Antônio. **Marcuse, Vida e Obra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

DRUCKER, P. F. **Administrando para o Futuro: os anos 90 e a virada do século.** São Paulo: Pioneira, 1992.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ENGELS, Friederich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** Disponível em [www.marxists.org/portugues/index.htm](http://www.marxists.org/portugues/index.htm). Acessado em: 22/04/2005. (2004a)

\_\_\_\_\_. **A origem da família, da propriedade privada e do estado.** 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **A dialética da natureza.** Disponível em [www.marxists.org/portugues/index.htm](http://www.marxists.org/portugues/index.htm). Acessado em: 22/04/2005. (2004b)

\_\_\_\_\_. **Anti-dühring.** Disponível em [www.marxists.org/portugues/index.htm](http://www.marxists.org/portugues/index.htm). Acessado em: 22/04/2005. (2004c).

\_\_\_\_\_. **Do socialismo utópico ao socialismo científico.** Disponível em [www.marxists.org/portugues/index.htm](http://www.marxists.org/portugues/index.htm). Acessado em: 22/04/2005. (2004d)

\_\_\_\_\_. **Um salário justo para uma jornada de trabalho justa.** Disponível em [www.marxists.org/portugues/index.htm](http://www.marxists.org/portugues/index.htm). Acessado em: 22/04/2005. (2004e)

\_\_\_\_\_; Marx. **A ideologia Alemã I.** Portugal: Editorial Presença, 1976.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu).** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ETZIONI, Amitai. **Organizações modernas.** 4.ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cinco Lições de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GASKELL, G e BAUER, M. W. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GRACIÁN, Baltasar. **A arte da prudência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GRUPO KRISIS. **Manifesto contra o trabalho**. São Paulo: Geosp / Lapur, 1999.

HEGEL, Friedrich. **Introdução à História da Filosofia**. São Paulo: Hemus - Livraria Editora, 1976.

HOBBS, Eric. **Era dos extremos**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOWARTH, David. **Discourse**. Buckingham, Inglaterra: Open University Press, 2000.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. São Paulo: Madras, 2001.

JAPIASSU, H.. **Introdução à epistemologia da psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1977.

JOHNSTON, Victor S. The origin and function of pleasure. **Cognition and emotion**, 2003, 17 (2), 167-179.

KIDRON, A. Work values and organizational commitment. **Academy of Management Journal**, 1978, 21, 239-247.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Editora Hucitec, Unesp, 1999.

LANE, S. T. Maurer. **O que é psicologia Social**. 22.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LE GOFF, J. e SCHMITT, J. **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LUKÁCS, Georg. **As bases ontológicas da atividade humana**. In: Revista Temas de Ciências Sociais. N.4. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MAGALHÃES, Josiane. **A Empresa sem patrão**. Marília: Unesp: 1997.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. **Cultura e psicanálise**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MARX, Karl; BORCHARDT, J. **O Capital: obra resumida**. 7.ed. São Paulo: LTC, 1982.

MATTOS, Pedro L. A estruturação de dissertações e teses em administração: caracterização teórica e sugestões práticas. **Revista de administração contemporânea**, v. 6, n. 3, set./dez. 2002: 175-198.

MENDES, Ana Magnólia. **Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional**. 1999. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_; ABRAHÃO, J. I.. A Influência da organização do trabalho nas vivências de prazer-sofrimento dos trabalhadores: uma abordagem psicodinâmica. **Revista: Psicologia Teoria e Pesquisa**, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice: **O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas**. Campinas: Papirus, 1990.

MÉSZAROS, I. **Marx: A Teoria da alienação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MIGUELES, Carmen Pires. O estudo da cultura organizacional: as dificuldades estão no objeto ou nas formas de defini-lo? **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, dez. 2003.

MIHALY, C. **Flow: the psychology of optimal experience**. Nova York: Harper & Row, 1990.

MORIN, Edgar. **A ótica da complexidade e articulação dos saberes**. Disponível em: [www.geocities.com/complexidade/nelly.html](http://www.geocities.com/complexidade/nelly.html) . Acessado em 03/06/2005.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **RAE**, São Paulo, v.41, n.3, jul/set, 2001. p.8-19.

POLICIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: **www.policiamilitar.rj.gov.br**. Acessado em 03/02/2006.

PRIGOGINE, Ilya. **O Fim das certezas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

ROHAN, M.J. A rose by name? The values construct. **Personality and Social Psychology Review**, 4, 255-277.

RODRIGUES, L. Carvalho. A construção de fronteiras nas ciências sociais: tensão e extensão no campo metodológico. **ANPOCS**, 2004.

RUSSEL, James A. Introduction: the return of pleasure. **Cognition and Emotion**, 2003, 17 (2), 161-165.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ser feliz**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Hermus, 2002.

SLOTERDIJK, Peter. **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios de administração científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1980.

THIRY-CHERQUES, Hermano R. **Sobreviver ao trabalho**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

\_\_\_\_\_; DAVEL, Eduardo. **Gestão com pessoas, subjetividade e objetividade nas organizações**. In: DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia Constant. *Gestão com Pessoas e Subjetividade*. São Paulo: Atlas, 2001. (capítulo 1)

VYGOTSKY, Lev. **A transformação socialista do homem**. Disponível em [www.marxists.org/portugues/index.htm](http://www.marxists.org/portugues/index.htm). Acessado em: 22/04/2005. (2004)

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WOOD, Thomas Junior. **Mudança organizacional: aprofundando temas atuais em administração de empresas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

## **APÊNDICE**

### **Roteiro da entrevista**



### **Roteiro das entrevistas realizadas com os músicos e com os PMs**

- 1) O que você pensa sobre o trabalho em geral, não do seu especificamente?
- 2) Se você tivesse muito dinheiro e não precisasse trabalhar, você trabalharia mesmo assim?  
Em que? E por quê?
- 3) O que você mais gosta de fazer no trabalho? Por quê?
- 4) O que você menos gosta de fazer no trabalho? Por quê?
- 5) O que o trabalho significa para você?
- 6) O trabalho lhe causa algum tipo de sofrimento, tristeza? Por quê?
- 7) O trabalho lhe causa algum tipo de prazer? Por quê?
- 8) Você se sente de alguma maneira recompensado por fazer o que faz? Por quê? De que maneira?
- 9) Você gosta do que faz? Por quê?
- 10) Cada um de nós tem uma idéia, mesmo que seja vaga, do que queremos realizar antes de morrer, certo? Então, gostaria de saber se você se sente distante ou próximo deste ideal, deste sonho? Por quê?
- 11) Você se sente satisfeito com a vida que leva? E como o seu trabalho? Por quê?
- 12) Desenhe como você se vê no trabalho! (Explique)